

CURSO BACHARELADO EM PRODUÇÃO CULTURAL

PRISCILA GUEDES CARDOSO

**DE CASA PARA AS RUAS: A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ COMO
MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA**

IFRJ – CAMPUS NILÓPOLIS

2017

PRISCILA GUEDES CARDOSO

**DE CASA PARA AS RUAS: A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ COMO
MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA**

Monografia apresentada à coordenação
do Curso de Bacharelado em Produção
Cultural, como cumprimento parcial das
exigências para conclusão do curso.

Orientadora: Prof^a Suéle Maria de Lima

IFRJ- CAMPUS NILÓPOLIS

2º SEMESTRE/2017

IFRJ - CAMPUS NILÓPOLIS

PRISCILA GUEDES CARDOSO

DE CASA PARA AS RUAS: A UTILIZAÇÃO DO CROCHÊ COMO
MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA

Monografia apresentada à Coordenação
do Curso Bacharelado em Produção
Cultural, como cumprimento parcial das
exigências para conclusão do curso.

Aprovada em ___ de _____ de 2017.

Conceito: _____ (_____).

Banca Examinadora

Professora Especialista Suéle Maria de Lima (Orientadora/IFRJ)

Professor Especialista Daniel Conceição Gonçalves (IFRJ)

Professor Mestre George William Bravo de Oliveira (FAETEC)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores e amigos que fiz ao longo do curso, que me apoiaram e me ensinaram tanto para a minha vida profissional quanto para a minha vida pessoal. Amigos que para sempre levarei, que estiveram ao meu lado em toda jornada acadêmica. Em especial, agradeço a professora Suéle Maria de Lima, minha orientadora, sem a qual esse trabalho não seria possível, pois, foi a partir de suas indagações que cheguei a este tema de pesquisa e por ela aceitar as minhas loucuras. Aos meus amigos do Chat das Federais, que ao longo de todos esses anos de curso me fizeram companhia pelas madrugadas, ajudando nos trabalhos, dando apoio ou simplesmente me fazendo perder a concentração, sem vocês as longas noites de estudos não teriam a menor graça ou sentido.

“Aquieta-te, silencia, ora, confia e espera, e os resultados de seus movimentos virão na mesma proporção de tua entrega”

(Darléa Zacharias)

RESUMO

CARDOSO, Priscila Guedes. **De casa para as ruas: a utilização do crochê como manifestação artística.** Trabalho de conclusão do curso de Bacharelado em Produção Cultural, IFRJ- Campus Nilópolis, 2017.

Esta monografia tem por objetivo principal apresentar a técnica artesanal do crochê e o seu novo papel na cena contemporânea: o de obra de arte ou manifestação artística, chamada de *Yarn Bombing* ou de Crochê de Guerrilha. Em um primeiro momento farei uma abordagem sobre a técnica artesanal do crochê, passando pela sua origem incerta e chegando até o seu “ressurgimento” no século 21. Também apresentarei, como as peças são confeccionadas. Além disso, falarei mais a frente sobre os papéis da arte e do artesanato, da transição do segundo em objeto artístico e analisarei o caso da ressignificação do crochê, que passa do campo artesanal para o campo das artes. Apresentando também, durante este processo, o olhar de produtora cultural e de artesã para com o tema proposto. Por fim, discorrerei sobre o movimento artístico do *Yarn Bombing*, que traduzido significa, literalmente, bombardeio de fios, passarei pelas vertentes artísticas nas quais podemos inseri-lo, sua história e mostrarei alguns de seus principais grupos e artistas.

Palavras-chave: Artesanato. Crochê. Yarn Bombing. Arte Pública.

ABSTRACT

CARDOSO, Priscila Guedes. **From home to the streets: the use of crochet as an artistic expression.** Completion of the Bachelor's Degree in Cultural Production, IFRJ- Nilópolis Campus, 2017.

This monograph's main objective is to present the craft technique of crochet and its new role in the contemporary scene: the work of art or artistic expression, called Yarn Bombing or Guerrilla Crochet. In a first moment I will make an approach on the crochet technique, going through its uncertain origin and reaching its "resurgence" in the 21st century. I will also present, as the pieces are made. In addition, I will speak further on the roles of art and craft, from the transition from the latter into an artistic object, and I will analyze the case of the re-signification of crochet, which passes from the artisanal field to the field of the arts. Also presenting, during this process, the look of cultural producer and artisan to the proposed theme. Finally, I will discuss the artistic movement of the Yarn Bombing, which translated means literally bombarding yarns, I will go through the artistic lines in which we can insert it, its history and show some of its main groups and artists.

Keywords: Handicraft. Crochet. Yarn Bombing. Public Art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa de um livro sobre moldes de crochê.....	15
Figura 2 - Peça feita em fio de sacola.....	16
Figura 3 - Peça feita em fio de malha.....	17
Figura 4 – Exemplos de agulhas atuais de crochê	18
Figura 5 – Imagem sobre a formação de um ponto.....	18
Figura 6 – Passo a Passo da confecção de alguns pontos.....	19
Figura 7 – Passo a Passo da confecção de alguns pontos.....	19
Figura 8 – Passo a Passo da confecção de alguns pontos.....	19
Figura 9 – Passo a Passo da confecção de alguns pontos.....	19
Figura 10 – Passo a Passo da confecção de alguns pontos.....	19
Figura 11 – Exemplo de renda <i>Tambour</i>	22
Figura 12 – Revista Penélopé de 1824, edição nº 3.....	23
Figura 13– Renda de Bilro.....	24
Figura 14 – Imagens de peças feitas em crochê irlandês.....	25
Figura 15 – Imagens de peças feitas em crochê irlandês.....	25
Figura 16 – Capa do livro de receitas feitos por Mlles. Riego.....	25
Figura 17 – Rainha Vitória Crochetando.....	27
Figura 18 – Rainha Vitória Crochetando.....	27
Figura 19 – Suporte/pegadores de panelas.....	28
Figura 20 – Peça feita em granny squares.....	29
Figura 21 – Peça feita em granny squares.....	29
Figura 22 – Bolsa feita em <i>freestyle crochet</i>	30

Figura 23 – Bolsa feita em <i>freestyle crochet</i>	30
Figura 24 – Desfile da Marca Chanel.....	31
Figura 25 – Desfile da Marca Dolce & Gabbana.....	31
Figura 26 – Desfile da Marca de Jean Paul Gaultier.....	31
Figura 27 – Marcelo Nunes.....	32
Figura 28 – Instalação Woomb Roon.....	42
Figura 29 – Instalação Crocheted Envolvement.....	42
Figura 30 – Playground de Toshico Horiuchi.....	43
Figura 31 - Playground de Toshico Horiuchi.....	43
Figura 32 - Playground de Toshico Horiuchi.....	44
Figura 33: Maçaneta envolvida com tricô.....	47
Figura 34: Magda Sayeg em Dubai.....	49
Figura 35: Ônibus revestido em El Salvador.....	50
Figura 36: Money Dress.....	51
Figura 37: Nike Blanket Petition Project.....	52
Figura 38: Metrô desativado decorado com crochê em comemoração ao dia das mães na Turquia.....	53
Figura 39: Metrô desativado decorado com crochê em comemoração ao dia das mães na Turquia	53
Figura 40: Metrô desativado decorado com crochê em comemoração ao dia das mães. na Turquia.....	53
Figura 41: Intervenção do Strickguerrilla em estátuas.....	54
Figura 42: Intervenção do Strickguerrilla em estátuas.....	54
Figura 43: Sereia no mar de Cancún.....	55
Figura 44: Playground em formato de Jacaré.....	56

Figura 45: Playground em formato de Jacaré.....	56
Figura 46: Playground em formato de Jacaré.....	56
Figura 47: Abrigo coberto na Índia.....	56
Figura 48: Abrigo coberto na Índia.....	57
Figura 49: Trabalho realizado na cidade Pompéia – SP.....	58
Figura 50: Trabalho em muro de São Paulo.....	58
Figura 51 – Intervenção feita em uma rua de São Paulo.....	59
Figura 52 – Intervenção feita em uma rua de São Paulo.....	59
Figura 53 – Instalação “Ventre Livre”	60
Figura 54 – Instalação “Obra Visceral”	60
Figura 55 – “Nascente”	61
Figura 56 – “Nascente”	61
Figura 57: Thiago Rezende performance.....	62

GLOSSÁRIO

La Museo des Esposizione – O Museu de exposições

Strickguerrilla – Guerrilha de Corda

Money Dress – Vestido de dinheiro

Nike Blanket Petition Project – Projeto de Petição Manta Nike

Land Art – Arte da Terra

Site-specific – Sítio Específico

KnittaPlease - Tricô Por Favor

Womb Room - em tradução pode ser “Sala de Ventre”, “Quarto

Crocheted Environment - Ambiente de Crochê

Womanhouse – Casa da Mulher

Division of Labor: ‘Women’s Work’ in Contemporary Art – Divisão de Trabalho: ‘Trabalho das Mulheres’ na Arte Contemporânea.

Yarn Bombing – Bombardeio de Fios

Guerrilla crochet – Crochê de Guerrilha

Graficrochet - É a união de Grafite + Crochê, ou seja, graficrochê

Hakone Open Air Museum - Museu Aberto de Hakone

Woods of Net – Madeiras de Rede

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 A TÉCNICA DO CROCHÊ.....	15
2.1 PRODUÇÃO DAS PEÇAS.....	17
2.2 CONTEXTO HISTÓRICO.....	21
2.3 O RESSURGIMENTO DO CROCHÊ NO SÉCULO 21	29
3 QUANDO O ARTESANATO VIRA ARTE?.....	33
4 YARN BOMBING.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia tem por objetivo principal apresentar a técnica artesanal do crochê, que assume um novo papel na cena contemporânea: o de obra de arte ou manifestação artística, chamada de *Yarn Bombing* ou de Crochê de Guerrilha.

Porém, antes de tudo, faz-se necessário expor como cheguei a este tema de pesquisa.

Minha relação com o crochê vem deste a minha infância, quando comecei a aprender técnicas artesanais com minha mãe e avô de consideração. Elas produziam peças de vestuário para a família e de decoração para a casa como: toalhas de mesa, capa para eletrodomésticos, colchas, almofadas e outros. Além disso, também comercializavam essas peças para vizinhos e amigos. Com o

passar dos anos, o crochê virou meu passatempo preferido e, assim, comecei a tecer minhas próprias roupas e acessórios.

Inclusive, em meus trabalhos acadêmicos sempre que possível, colocava algo feito com a técnica. Foi através de uma tarefa para a disciplina Experimentações em Arte Contemporânea que pude realizar uma peça em crochê com fim artístico, aliás, com um fim diferente do que sempre lhe havia dado. O exercício era pegar uma peça do meu cotidiano e apresentá-la com um novo significado, tendo como referência, a arte conceitual. Meus materiais escolhidos foram um copo, uma vela e um cachepô em crochê, que juntos formaram uma luminária a qual serviu de base para uma série de fotografias. Esta série demonstrava a variação da incidência da luz da vela na superfície de uma mesa, através da interferência de um programa gráfico.

Atualmente, sou artesã, por profissão, e tenho um ateliê *on-line*, onde comercializo os produtos criados por mim. Para a produção de novas peças, sempre pesquiso na internet em busca de novas ideias, e durante uma dessas buscas apareceram imagens de exposições em galerias e intervenções em ruas com objetos, ora confeccionados, ora revestidos em crochê.

De tal modo, fui me interessando pelo assunto e passei a procurar mais sobre os artistas que estavam por trás dessas obras. A cada busca realizada, dúvidas foram surgindo, entre elas, destaco: Quando começaram com essas intervenções? Por que na rua? Qual a intenção dessas intervenções? Como chegaram aos museus e as galerias?

Assim, em cada busca realizada sobre o tema, pude perceber que há uma escassez de trabalhos acadêmicos sobre o crochê e sobre o novo movimento artístico identificado por *Yarn Bombing*. Então, motivada pela minha curiosidade, resolvi fazer esta pesquisa para responder os meus questionamentos, e por consequência, acrescentar à produção acadêmica um trabalho que apresentasse dois temas com semelhanças e diferenças, o crochê de âmbito privado, em sua origem, e o bombardeio de fios (crochê de guerrilha), de âmbito público.

Para a realização deste trabalho, baseei minhas pesquisas em web fontes, como blogs, artigos e alguns livros em língua estrangeira.

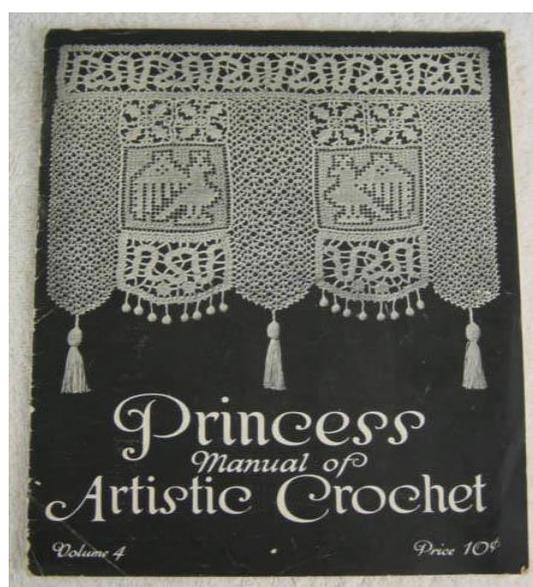
No primeiro capítulo deste trabalho, abordarei sobre a técnica artesanal do crochê, passando pela sua origem incerta, visto que não há documentos que relatem comprovadamente seu aparecimento, chegando até o seu “ressurgimento” - uma vez que ele passa por um breve declínio -, nos dias atuais. Também apresentarei, de forma escrita, como as peças são confeccionadas.

No segundo capítulo, falarei sobre a arte e o artesanato, mostrando suas perspectivas históricas, seus significados, apresentando a mudança/transformação de trabalhos artesanais em objetos artísticos, analisando o caso da ressignificação do crochê, passando do campo artesanal para o campo das artes. Por fim, apresento o olhar de produtora cultural para com o tema proposto.

O terceiro e último capítulo desta monografia é dedicado ao tema central, o movimento artístico *Yarn Bombing*, que traduzido significa, literalmente, bombardeio de fios. Passando pelos conceitos artísticos nos quais podemos inseri-lo, sua história e alguns de seus principais grupos e artistas.

2 A TÉCNICA DO CROCHÊ

Figura 1 - Capa de um livro sobre moldes de crochê



Fonte: Imagem retirada do site <http://antique-crochet.com/antique-crochet-patterns/princess.jpg>. Acessado em dez.2016

Abaixo, reúno alguns autores que sintetizaram a técnica do crochê, a fim de descrevê-la.

Farjado (2002) anuncia a técnica da seguinte maneira: “Construído sem o apoio de bastidores, o crochê é conhecido como ponto feito no ar. É um tecido rendado, confeccionado com uma só agulha, que tem, no máximo, 20 cm de comprimento e a ponta em forma de gancho.”

No Glossário têxtil on-line, disponível no site da Casa Pinto – loja com 80 anos de existência no mercado do Rio de Janeiro, comercializando produtos variados para shows, festas, eventos e outros -, o crochê é descrito como um “tecido rendado executado à mão com uma agulha provida dum gancho na extremidade, e utilizado na confecção de peças ornamentais, de vestuário e outras.”

Já para Benarushi (2014) o crochê é definido como: técnica manual realizada com uma agulha própria, que produz um tecido trançado que é semelhante ao da renda. Utilizado em diversas roupas e em xales, vestidos e casacos.

Por fim, Cunha (2015), classifica o crochê como um tecido – superfície flexível obtida pelo entrelaçamento de fibras têxteis - formado por entrelaçamento de um único fio sobre ele mesmo, com a ajuda de uma agulha terminada, numa de suas extremidades, por um gancho. Tendo um aspecto rendado ou compacto, de acordo com o entrelaçamento executando, podendo utilizar uma variedade de pontos.

Portanto, o crochê é, de forma reduzida, uma técnica manual que utiliza, originalmente, linha de algodão e agulha para a fabricação de peças. Entretanto, podemos ver trabalhos produzidos com fios diversos, como os de linhas sintéticas, lã, seda, cobre, prata, ouro, sisal, juta, além de fios considerados sustentáveis/ecológicos: o fio produzido a partir de sacolas plásticas (figura 2) e os fios produzidos de resíduos têxteis, como os de malha (figura 3)



Fonte: Imagem retirada do site: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/736x/65/fd/04/65fd04220e8b6de31018c8936fc3a66d.jpg> . Acessado em jan.2017

Figura 3 – Peça produzida em fio de malha



Fonte: Imagem retirada do site <http://blog.elo7.com.br/wp-content/uploads/2015/06/como-fazer-fio-de-malha2.jpg> . Acessado em fev.2017

2.1 Produção das peças

Neste tópico abordarei a técnica manual em si, visto que em nenhum dos trabalhos analisados foi explicado ou mostrado como funciona a produção dos pontos e por consequência das peças.

Para que os pontos sejam confeccionados, utilizam-se uma agulha que possui em uma de suas extremidades um formato de gancho, para que assim a linha seja laçada e puxada de acordo com o ponto desejado. Na figura 5, vemos como a agulha é introduzida para a execução do ponto. Atualmente, podemos encontrar nas lojas agulhas diferenciadas, produzidas em metal, acrílico, plástico ou madeira, com o formato de gancho nas duas pontas (figura 4), com espessura e tamanhos variados, para serem destinadas a fios específicos. Na figura 3, podemos verificar uma agulha para fio de malha, notamos que ela é mais grossa para que não fure o tecido e de madeira, pois este fio requer uma certa força na fabricação da peça.

Figura 4 - Exemplo de agulhas atuais com gancho nas duas extremidades



Fonte: Imagem retirada do site
<http://www.armarinhosaojose.com.br/octopus/design/images/94/products/o/agulha-croche-dupla.jpg>

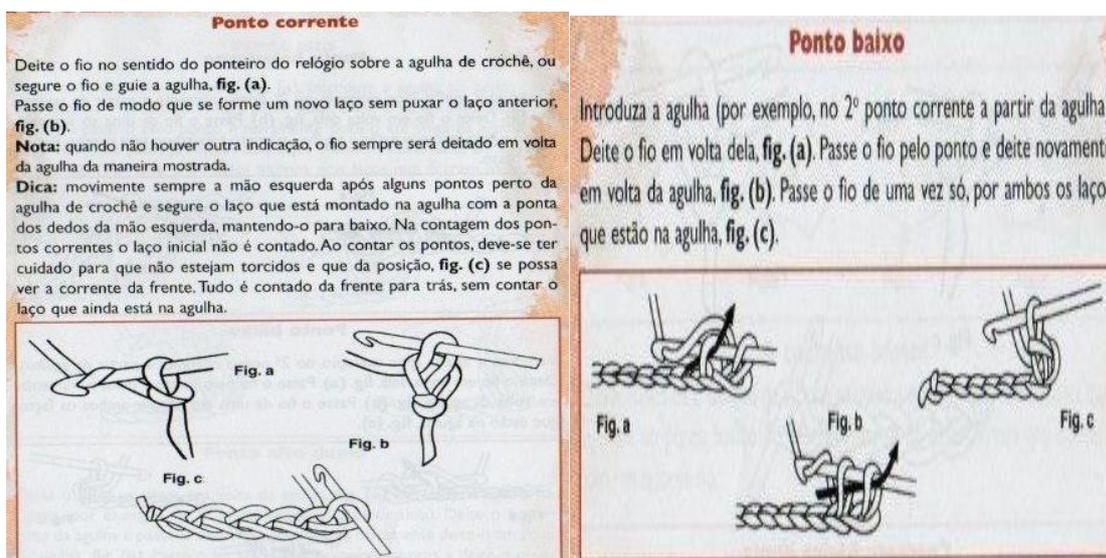
Figura 5 – Execução da formação de um ponto

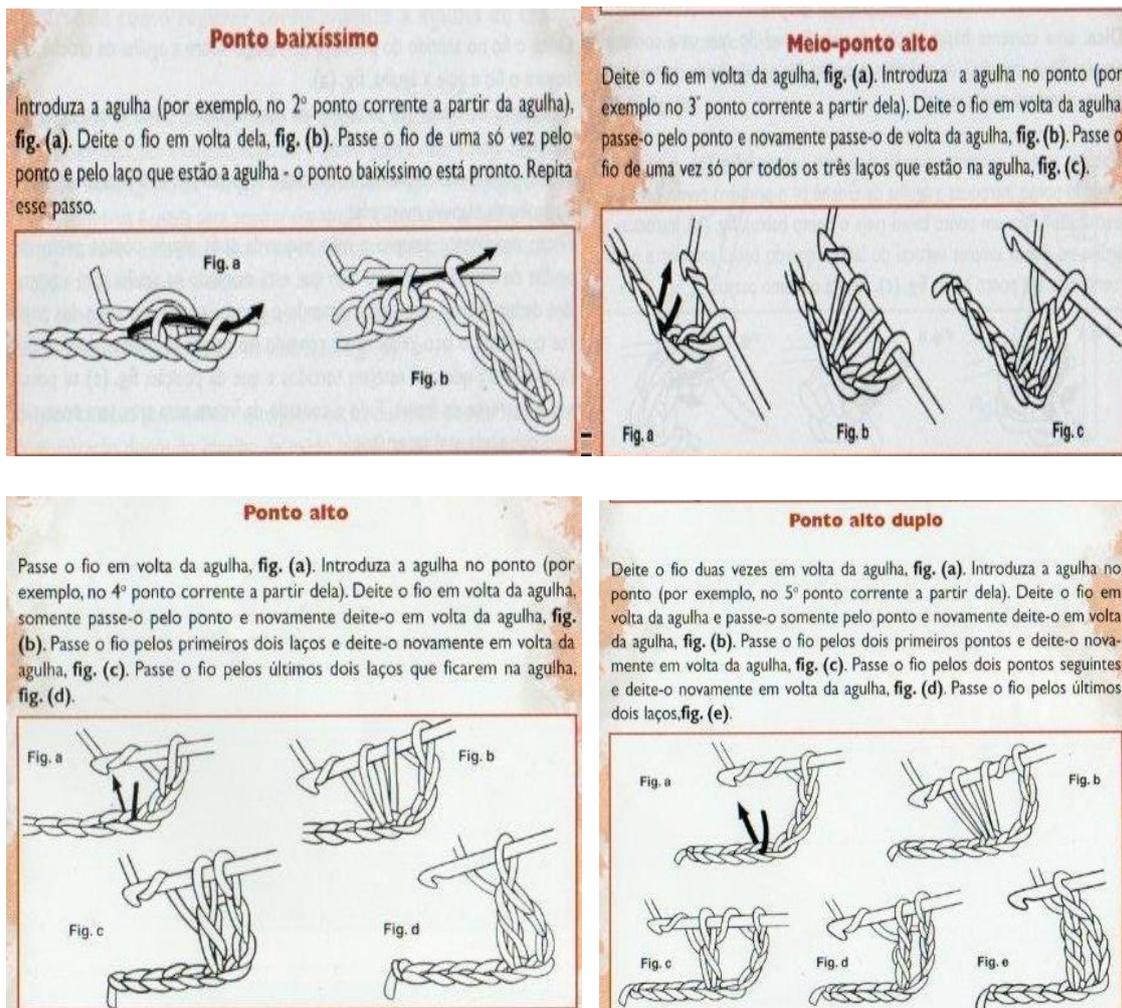


Fonte: Imagem retirada do site https://pixabay.com/p-450724/?no_redirect. Acessado em dez.2016

Entre os pontos existentes para a confecção das peças, destaco abaixo os que mais são vistos em gráficos/padrões e o passo a passo para as suas variações: a corrente, que é o ponto inicial para qualquer trabalho; o ponto baixo; o ponto meio alto; o ponto alto; e o ponto alto duplo. Uma peça pode ser confeccionada apenas com um ponto ou com um combinado deles, dependendo do modelo a ser seguido.

Figuras 6, 7, 8, 9 e 10 - Passo a passo dos pontos





Fonte: imagens retiradas do site <http://graficosereceitascroche.blogspot.com.br/2014/06/pontos-de-croche-passo-passo-para.html?m=1>. Acessado em maio de 2016.

A denominação dessa técnica não surgiu aleatoriamente, é uma associação com o próprio formato da agulha utilizada, originando-se de um termo do dialeto nórdico que significa gancho, do qual, também se originou a palavra francesa *croc*, que possui o mesmo significado.

A técnica do crochê possui algumas variações de estilo, descritas abaixo:

- Crochê filé: blocos de pontos intercalados com espaços caracterizam essa trama quadriculada. Alguns riscos simples de ponto cruz podem ser transformados em filé.
- Crochê tunisiano: é produzido com uma longa agulha, parecida com a agulha usada no tricô, porém, com gancho na ponta. Cada carreira de

pontos é feita em duas fases, a primeira, da direita para a esquerda e a segunda, da esquerda para a direita, sem virar o trabalho.

- *Broomstick-lace*: é um tipo de crochê, apesar de ser feito com uma larga agulha de tricô. Na verdade, essa ferramenta, serve de orientação às laçadas sobre as quais será criada a nova carreira. Sua textura parece com o crochê de grampo.
- Crochê de grampo: a ferramenta de sustentação é em formato de "U" feito em madeira ou metal sobre o qual são tecidas faixas com a ajuda de uma agulha de crochê, que depois são unidas com uma variedade de pontos.
- Crochê duplo: é feito com uma agulha com ganchos nas duas extremidades. Isso permite que possa trabalhar as duas faces da trama, que ficará bem encorpada e, se quiser, em diversas cores.

Marks (1997) menciona que segundo alguns estudiosos, no passado, o homem utilizava o crochê para realizar suas tarefas, entre elas: a criação de armadilhas por ocasião da caça e da pesca ou como decoração em datas comemorativas tais como ritos religiosos, festas, casamentos ou funerais.

Além disso, a autora acrescenta que, já na Era Moderna as peças eram usadas como vestimenta, por exemplo, parte das golas dos vestidos, xales, entre outros e, também, como parte da decoração das casas, como guardanapos nas mesas, aparadores e outros.

2.2 – Contexto Histórico

Como mencionado anteriormente, não há bibliografia que indique com precisão sobre quando e como o crochê se originou. Todas as fontes pesquisadas: sites, artigos, revistas eletrônicas e blogs informam que seus textos foram baseados em algumas hipóteses feitas por pessoas que tentaram descobrir a origem da técnica e/ou por relatos de artesãos, que, por tradição, contavam sobre o crochê e ensinavam para as suas famílias.

Dentre as teorias, destaco, as quatro hipóteses que são consideradas como as mais prováveis: a primeira, informada em algumas *web* fontes, é a de

que, se originou ainda na Pré-História e os dedos serviam de instrumento para a fabricação de peças.

As outras três teorias foram traçadas pela escritora e pesquisadora dinamarquesa, Lis Paludan, que em 1995, publicou o livro “*Crochet: History & Technique*”, onde descreveu a técnica explorando e revelando seus estilos, aplicações e mudanças. A segunda hipótese considerada é a de que a técnica surgiu na Arábia e foi se espalhando pelo Tibete e em seguida, para a Espanha, através das rotas comerciais existentes entre os países árabes e o mediterrâneo¹. A terceira teoria aponta para uma origem na América do Sul, onde uma tribo primitiva utilizava peças de crochê como adornos em rituais de passagem para a puberdade. A quarta e última teoria menciona que o surgimento da técnica ocorreu na China, já que em algumas escavações foram encontradas bonecas tecidas com uma maneira muito parecida com o crochê que conhecemos atualmente.

Paludan relata que em suas viagens, muitas fontes (moradores e artesãos locais) afirmaram que a técnica do crochê já era conhecida na Itália dos anos 1500 sob o nome de “laço de freira” ou “trabalho de freira”, produzidos por elas para os trabalhos têxteis da Igreja, no entanto, seus estudos mostravam que a arte não era conhecida no país antes do século 16, sob qualquer outro nome.

Contudo, a técnica do crochê, como conhecemos hoje, só começou a ser desenvolvida a partir do século 16. Segundo a norte americana Annie Potter², nesta época, a arte era conhecida como “laço de crochê”, na França, e como “laço de corrente”, na Inglaterra. A sua pesquisa sugere que ele é uma variação do *tambour* (figura 11) ou *tamboring*, forma antiga de bordado conhecida em países como China, Índia, Pérsia, Turquia e África do Norte que se expandiu para a Europa.

¹ A escritora/pesquisadora dinamarquesa, Lis Paludan, limitou suas buscas sobre a origem do Crochê na Europa e definiu essa teoria como a mais provável, porém, não possuindo evidências convincentes sobre a idade da técnica.

² Annie Louise Potter é mencionada em vários blogs e artigos como especialista em crochê, mas não achei nada de concreto que comprovasse esse título. Ela é escritora do livro “*A Living Mystery: The Internacional Art & History of Crochet*”, publicado em 1990.

O *tambour* nada mais é que um tipo de bordado/renda feito através de uma rede fina, parecida com um tule, esticada em um bastidor e preenchida com fios puxados com um gancho por meio dos furos do tule, usando um ponto de cadeia e formando desenhos pela trama. No final do século 18, a técnica evoluiu para o que os franceses chamavam de “crochê no ar”, quando o tecido de fundo foi descartado e o ponto começou a funcionar sozinho.

Figura 11 - Exemplo de Renda *Tambour*

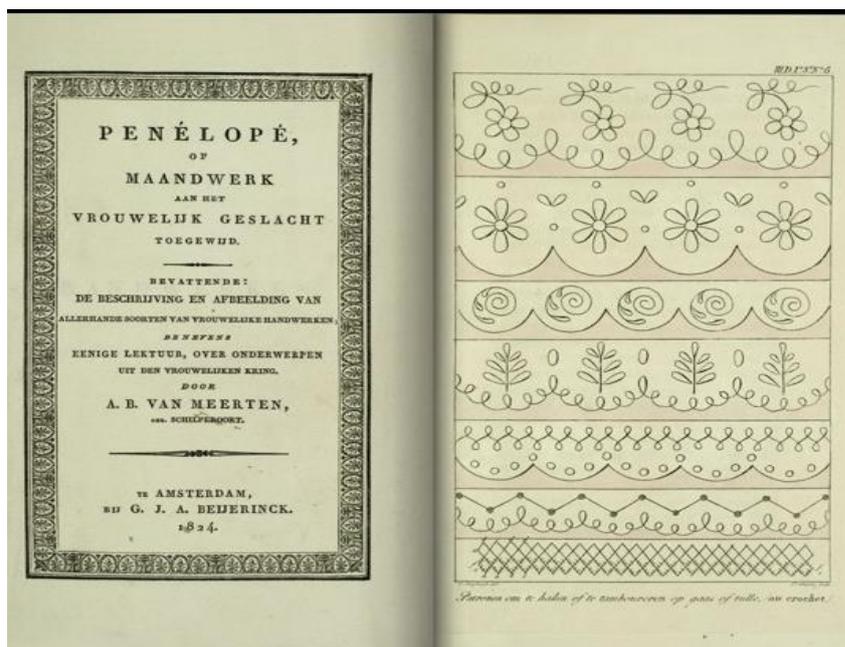


Fonte: Retirada do site: <http://halleyturismo.blogspot.com.br/2013/05/a-historia-do-croche.html> acessado em jan. 2017

Na França do século 16, esta técnica começou a ser difundida através das freiras, que eram professoras de artes e ensinavam a fazer este tipo de renda delicada. Naquele período, o crochê foi considerado uma atividade para passar o tempo das classes sociais mais abastadas. Muitas mulheres se reuniam para crochetar³ peças luxuosas, que imitavam a renda *tambour*, e as utilizavam como adornos de roupas ou na decoração.

Alguns artigos informam que os escritos mais velhos sobre esse ofício datam de 1812 e as primeiras representações ou receitas gráficas publicadas, que se tem notícia, datam de 1824 e aparecem na revista holandesa “Penélopé”. Na imagem abaixo, podemos ver a contracapa desta revista, com informativos de edição e na outra folha a padronagem para a produção de peças.

³ Crochetar é o termo que as artesãs utilizam para descrever o ato de fazer crochê.

Figura 12 - Revista *Penélope* de 1824, edição nº 3

Fonte: imagem retirada do site <http://www.tuppence.org/page-p/> Acessado em jan.2017

Já em 1842, a francesa Mademoiselle Eleanore Riego de la Branchardiere – foi uma artesã, designer e autora de padrões e livros artesanais - impulsionou o ofício quando começou a publicar, na Inglaterra, receitas e gráficos complexos para o crochê que se assemelhavam a renda de bilro⁴ (figura 13) e a outras rendas feitas com agulhas. Marks (1997), menciona que Milles. Riego se intitulava como inventora do *lice-like crochet*, conhecido hoje como crochê irlandês⁵ (figuras 15 e 16), mas não há nenhum manuscrito que comprove este feito.

⁴ A Renda de Bilro é uma técnica têxtil, onde o tecido de renda é feito por um trançado e torcimento dos fios, que são enrolados em bombinhas para serem manipulados.

⁵ O crochê irlandês trabalha seus motivos separadamente e os une com correntinhas finas.

Figura 13 - Renda de Bilro



Fonte: Imagem retirada do site <http://www.pmf.sc.gov.br/mobile/index.php?pagina=notpagina¬i=1221>. Acessado em jan.2017

Figuras 14 e 15: peças feitas em Crochê Irlandês

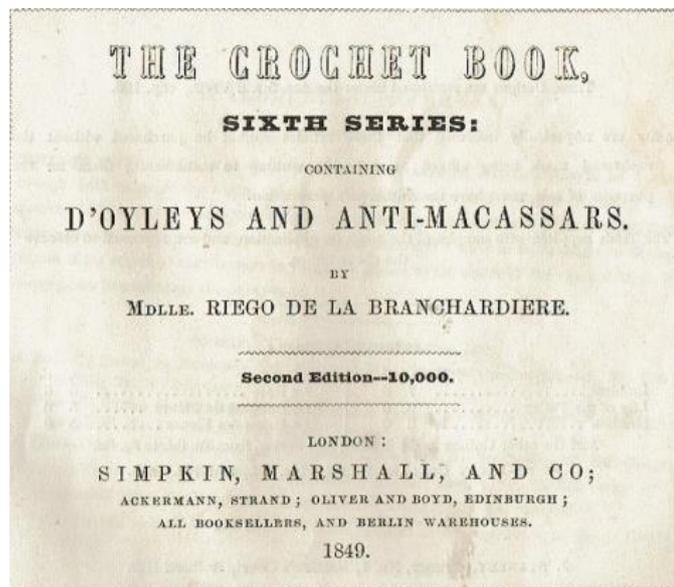


Fonte: Imagens retirada do site <http://rovingcrafters.com/2016/04/21/free-resources-to-get-you-started-making-irish-crochet-lace/>. Acessado em dez.2016

Miles. Riego publicou inúmeros livros entre os anos de 1840 a 1870. Abaixo, apresento a contracapa de um de seus trabalhos, onde podemos ver descrito que este é a segunda edição da sexta série do 'Livro de crochê', com uma tiragem de dez mil exemplares, contendo padrões (modo de fazer) para toalhinhas e *antimacassars*⁶, sendo publicado em Londres pela *Simpkin, Marshall and Company* no ano de 1849.

⁶ *Antimacassar* é um pano colocado sobre as costas ou braços de cadeiras, sofás ou poltronas para evitar a sujeira em seus tecidos. Seu nome é devido a utilização do óleo de macassar nos cabelos durante o séc. XIX.

Figura 16: Capa do livro de receitas feito por Mlles. Riego



Fonte: imagem retirada de <http://threadwinder.info/pubs/RiegoBooks.htm> . Acessado em dez. 2016

O ofício do crochê só começou a tomar uma proporção maior quando a população irlandesa passou pelo período chamado de “Crise da batata” ou “A Grande fome”, que durou de 1845 a 1850, dizimando boa parte da população. Marks (1997) menciona que naquela época, as condições de vida e trabalho para os irlandeses eram difíceis, eles fabricavam as peças intercalando com outras tarefas para aproveitar a luz do dia, e, à noite, utilizavam luz de vela ou lâmpada de óleo e as armazenavam debaixo de suas camas por falta de espaço. Freiras começaram a ensinar a técnica às mulheres e crianças, para que se tornasse uma fonte de geração de renda e, ao mesmo tempo, minimizasse o sofrimento e a fome.

Os trabalhos eram considerados primorosos e de grande valor artístico, e passaram a ser comercializados para o continente europeu e para a América. Com o passar do tempo, homens, mulheres e crianças organizaram-se em cooperativas e escolas foram criadas para ensinar o ofício para toda a Irlanda.

A técnica foi considerada um salva-vidas para o povo, pois fizeram dela sua principal fonte de renda, dando-lhes a oportunidade de ter condições

financeiras o suficiente para emigrar e começar uma nova vida no exterior, difundindo, assim, a técnica por todo o mundo. Segundo Potter (1990), dois milhões de irlandeses emigraram para a o continente americano entre 1845 e 1859, chegando a quatro milhões em 1900, o que cooperou com a inserção do crochê neste continente.

Ao longo dos anos uma variedade de material foi utilizada: cabelos, gramíneas, sedas, fios de linho, lã, fios de ouro, prata ou cobre, pelos de animais e fibras de junco. As agulhas eram produzidas com ossos de animais como chifres e presas, colheres antigas, dentes de pentes que eram descartados, bronze, madrepérola, ágata, borracha, metais e carapaças de tartaruga.

A renda irlandesa e a de bilro, na época, eram peças caras e luxuosas, com isso, a população pobre, que não tinha acesso a esses produtos, faziam cópias, em crochê, das receitas dessas elaboradas rendas, usadas pelas classes mais ricas. Com isso, o ofício do crochê ganhou um estigma de imitação de um símbolo de status, ao invés de técnica artesanal com valor comercial e social. Esse fato depreciou um pouco o crochê, pois quem podia comprar as rendas mais caras fazia pouco caso da técnica, chamando-a de cópia barata. Porém, esse status foi mudando, quando a Rainha Vitória⁷ começou a comprar as peças feitas em crochê e se interessou pelo aprendizado da técnica.

Figuras 17 e 18 – Rainha Vitória “crochetando”

⁷ A rainha produziu oito cachecóis e os deu aos membros mais ilustres de suas forças armadas. Uma dessas peças está exposta no Museu de Guerra Canadense.



Fonte: Imagens retiradas do site <http://crochetvolution.com/archives/spring-2012-archives/crochet-in-history-queen-victoria> Acessado em jan.2017

Na Era Vitoriana (1837 a 1901), os padrões de crochê eram feitos para aparadores de vasos, gaiolas de pássaros, cestas e cestos, suportes de lâmpadas, tapetes, toalhas de mesas, porta tabaco, bolsas, chapéus e coletes masculinos, golas e punhos de roupas, entre outros usos.

Nas duas primeiras décadas do século 20, as rendas de crochê produzidas eram bem mais elaboradas tendo em vista suas tramas e dificuldades de execução dos pontos. As cores fortes e vibrantes da era vitoriana desapareceram e foram substituídas por cores pálidas/brancas, e apenas as bolsas eram feitas com muitos bordados, cores vivas e pedrarias.

Até 1930, as mulheres teciam *afhegans*, tapetes de viagens, de espreguiçadeiras, carros e trenó, além de mantas para quartos, porta bules de café e garrafas de cobre. Foi nesse período que os pegadores/suportes de panelas fizeram sua primeira aparição e se tornaram um elemento básico do crochê.



Fonte: Imagem retirada do site www.pinterest.com .Acessado em jan.2017

Durante os primeiros anos do século XX, pouco foi publicado sobre a técnica, os padrões eram versões simplificadas daqueles do início do século. O interesse pelo crochê entrou em declínio e só após a Segunda Guerra Mundial retornou, fazendo parte do movimento *baby boom*, surgido nos EUA, que tinha como característica, a valorização dos afazeres domésticos e das técnicas artesanais feitas em casa, promovendo o aparecimento de projetos novos e criativos do crochê.

A técnica permaneceu como uma arte caseira até o final da década de 1960 e início da década de 1970, quando com o movimento *hippie*, a geração deste período, popularizou a técnica com a confecção de peças coloridas e com os *granny squares*, que são as peças feitas com quadrados de crochê.

Nas décadas subsequentes, o crochê sofreu um novo declínio em sua popularidade, contudo, não se perdeu totalmente.

No que se refere ao Brasil, algumas *web* fontes relatam que o crochê chegou com a vinda da corte portuguesa e, posteriormente, com a chegada dos imigrantes europeus, mas não há nenhum dado específico e comprovado sobre esse fato.



Fonte: Imagens retiradas do site <https://wanelo.co/shop/crochet-granny-square-top>. Acesso em fev.2017

2.3 – O ressurgir do crochê no século 21

Embora a técnica do crochê tenha passado por um novo declínio, vemos agora, no início do século 21, um ressurgimento do interesse na população mais jovem, pelas técnicas artesanais, como o tricô e o crochê e um interesse pelo *DIY*, abreviação de *Do It Yourself*, ou seja, do “faça você mesmo”. Também vemos uma melhoria na qualidade e na variedade dos materiais utilizados - por exemplo, as linhas estão mais macias e com variedades de cor - novos padrões e novas revistas estão sendo impressos e vemos o aumento de lojas, destinadas a venda, exclusivamente, de produtos para artesanato e, o ensino dessa técnica se tornou mais popular, não sendo só transmitida em ambientes domésticos, perpetuando uma tradição familiar, mas também, passa a ser ensinada em instituições públicas e privadas, no formato de curso livre, em lojas como oficinas ou como curso de capacitação.

Os trabalhos atuais estão mais criativos e modernos, destes podemos destacar o *freestyle crochet*, que é uma técnica de crochê livre, que une diversas linhas coloridas e pontos básicos em uma mesma peça sem seguir uma receita

e/ou modelo, sendo utilizada para a criação de bolsas, colares, brincos, anéis e, até, em algumas obras de arte.

Figuras 22 e 23 – Peças feitas com a técnica Freestyle Crochet



Fonte: Imagens retiradas do site www.pinterest.com Acessado em fev.2017

Esse ressurgir da técnica também se dá pelos questionamentos sobre a aceleração da produção e da tecnologia, que fizeram a sociedade deixar de lado essa e outras técnicas artesanais, em função do consumismo, ou seja, as pessoas passaram a preferir as peças industrializadas, produzidas em larga escala, que chegam mais rápido ao mercado e que, por consequência, são mais baratas, ao invés daquelas confeccionadas manualmente, que demandam mais tempo para serem produzidas e, por isso, se tornam mais onerosas. Diante disso, alguns produtores tentam questionar esse modo de produção e seus aspectos principais, através da retomada do crochê, que aponta para outros modos de produção e consumo.

Agora, também podemos vê-lo em outros ambientes, além do doméstico: nas passarelas da moda, nos museus, nas ruas e nas galerias. Grandes estilistas e marcas estão utilizando a técnica em peças das suas novas coleções, entre eles: Dior, Dolce & Gabbana, Jean Paul Gaultier, Chanel, Prada e outros.

Figuras 24, 25 e 26 – Desfiles das Marcas Chanel, Dolce e Gabbana e Jean Paul Gaultier, respectivamente.



Fonte: As imagens foram retiradas do site www.pinterest.com . Acessado em jun. 2017.

Em 2007, o norte-americano Jimbo do blog *Jimbo's Front Porch* declarou que o dia 12 de setembro seria dedicado ao crochê, criando assim, o Dia Internacional do Crochê. Neste dia, artesãos do mundo todo celebram o ofício com oficinas, reuniões, encontros e criações de peças.

Por fim, podemos notar que o crochê, por muitos anos classificado como um passatempo do universo feminino, onde só as mulheres fabricavam as peças, está presente, também, no universo masculino, não só na utilização de peças de

vestuário, mas também, na fabricação de peças. Presenciamos alguns artesãos se dedicando a técnica e quebrando este estereótipo, entre eles cito, Thiago Rezende (figuras 55 e 57) – criador do projeto Homem na agulha -, Marcelo Nunes (figura 27) – crochê designer e professor, parceiro da empresa fabricante de linhas ecológicas Euroroma (Eurofios). Entre a nova geração de crocheteiros menciono os jovens Pedro Victor, Junior Silva e Pablo Santos, que chamaram a atenção do mundo artesão e da internet por serem muito novos, estarem ainda no período adolescência, e se dedicando com afinco à técnica e arte que envolve o processo de crocheter.

Figura 27 – Marcelo Nunes



Fonte: Imagem retirada do site <https://www.altoastral.com.br/croche-marcelo-nunes/> . Acessado em agosto de 2017

3 QUANDO O ARTESANATO VIRA ARTE?

Antes de começar a discorrer sobre o assunto principal desde capítulo, busco apresentar o que se pode entender sobre arte e artesanato, contudo, informo que esta discussão está além dos objetivos desta pesquisa.

Entende-se por artesanato todo e qualquer tipo de trabalho manual, onde o artesão domina todas as técnicas de produção, da preparação da matéria até a sua finalização.

Segundo o dicionário de língua portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda, a palavra artesanato tem por significado: S.m 1 a técnica, ofício ou a arte do artesão (1). 2 o conjunto ou a classe dos artesãos. 3. P. ext. o produto do artesão (2), o objeto feito por ele. 4 o local onde se pratica ou ensina artesanato (1). Já, de acordo com o Conselho Mundial de Artesanato⁸, compreende-se artesanato por toda a atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais, com a habilidade, destreza, qualidade e criatividade.

Os objetos artesanais são fabricados com matérias primas naturais, entre eles, destaque: linha, lã, couro, papel, fibras, sementes, entre outros, e são incluídos na chamada cultura popular, essa definida como todo tipo de manifestação cultural em que o povo produz/participa de forma ativa, surgindo das tradições e costumes, passando de geração em geração. Cada peça produzida é única, mesmo que siga um padrão e tenha sido feita no mesmo dia, nenhuma fica igual a outra.

O trabalho artesanal é próprio do ser humano, surgiu ainda na pré-história da necessidade do homem em encontrar soluções utilitárias para o seu dia-a-dia. Deste período, podemos destacar os artefatos criados em argila, pedra, pele de animal e madeira. No Brasil, podemos mencionar os artefatos indígenas

⁸ Em Inglês, World Crafts Council (WCC), trata-se de uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, criada em 1964 com os objetivos de incentivar o intercâmbio entre os artesãos de todo o mundo e promover um interesse internacional sobre o artesanato. O WCC é dividido em cinco regiões independentes, sendo elas: América Latina, América do Norte, Europa, África e Ásia. O conselho é administrado por um Conselho Superior, denominado COE, e tem em seu acordo a realização de reuniões (assembleias gerais) no período de quatro em quatro anos. [Informações retiradas do site oficial do conselho europeu: www.wcc-europe.org].

desde os produzidos a partir de ossos até as elaboradas tapeçarias e cerâmicas e, um pouco além, podemos mencionar sobre os primeiros anos de colonização, quando foram instaladas as primeiras oficinas artesanais.

Assim como o artesanato, a arte também é inerente ao homem. Aparecendo, ainda, na idade pré-histórica, diante da sua necessidade de representar a sua realidade, de se comunicar. Desta época, retiramos como exemplo, as pinturas rupestres encontradas em superfícies rochosas.

Podemos dizer, também, que a arte é a capacidade do homem em criar e transmitir suas ideias, sensações e sentimentos. Ela pode estar representada de diferentes maneiras, através da pintura, da escultura, do cinema, do teatro, da dança, da música, da arquitetura, e outros. A arte é um reflexo da cultura e da história do ser humano.

Fischer (1959) menciona que a arte é uma forma de trabalho, e o trabalho é uma atividade característica do homem. Ela é meio indispensável para a união do indivíduo como um todo, reflete a capacidade humana para a associação, para a circulação de experiência e ideia. Segundo ele, a arte em seu primórdio advém de uma magia e,

Essa magia encontrada na própria raiz da existência humana, criando simultaneamente um senso de fraqueza e uma consciência de força, um medo da natureza e uma habilidade para controlá-la, essa magia é a verdadeira essência de toda arte. O primeiro a fazer um instrumento, dando nova forma a uma pedra para fazê-la servir ao homem, foi o primeiro artista. O primeiro a dar um nome a um objeto, a individualizá-lo em meio à vastidão indiferenciada da natureza, a marcá-lo com um signo e, pela criação linguística, a inventar um novo instrumento de poder para os outros homens, foi também um grande artista. O primeiro a organizar uma sincronização para o processo de trabalho por meio de um canto rítmico, e a aumentar, assim, a força coletiva do homem, foi um profeta da arte. O primeiro caçador a se disfarçar, assumindo a aparência de um animal para aumentar a eficácia da técnica da caça, o primeiro homem da Idade da Pedra que assinalou um instrumento ou uma arma com uma marca ou com um ornamento, o primeiro a cobrir um tronco de árvore ou uma pedra grande com uma pele de animal para atrair outros animais da mesma espécie - todos esses foram os pioneiros, os pais da arte. (FISCHER, p. 42 e 43)

Fischer, ainda nos fala que quando o homem criou a arte, encontrou para si um modo real de aumentar o seu poder e de enriquecer a sua vida, ela era a sua arma na luta pela sobrevivência. Na sociedade pré-histórica a arte era uma produção coletiva, uma atividade social, comum a todos e elevando a todos acima da natureza. Sua função era a de conferir poder, seja sobre a natureza, sobre o parceiro sexual, sobre seus inimigos, sobre a sua realidade, era um poder exercido no sentido de fortalecer a coletividade humana, não tinha a ver com a beleza ou com a contemplação estética.

Ainda segundo o autor, a tensão e a contradição são próprias à arte, ela não só precisa decorrer de uma intensa experiência da realidade como precisa ser construída, precisa tomar forma através da objetividade. Por fim, ele cita que

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser integro, total. A arte capacita o homem a compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. A arte, ela própria, é uma realidade social. (FISCHER, p. 57)

A arte evolui com o tempo e em cada época, de acordo com o contexto histórico, ela é condicionada a representar a humanidade em conformidade com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Por exemplo, o que é considerado certo em um determinado momento pode não ser em outro. Porém, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro de um momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento.

Canton (2009) diz que a arte serve para provocar, instigar, para estimular os sentidos humanos, retirando-os de uma ordem já preestabelecida e indicando amplas possibilidades de viver e se organizar.

Avançando no decorrer da história da arte, através de alguns séculos, chegamos ao momento da “arte” em que estamos presenciando e interagindo, a chamada arte contemporânea.

A Arte Contemporânea ou Pós-Moderna é uma tendência que surgiu na metade do século XX prolongando-se até os dias atuais, propondo expressões artísticas originais a partir de técnicas inovadoras.

Seu processo de construção se dá após a Segunda Guerra Mundial, onde encontramos um panorama caracterizado pelo avanço da globalização, da cultura de massa e de novas tecnologias.

As avaliações e estudos disponíveis sobre arte contemporânea tendem a considerar sua origem na década de 1960, sobretudo com o aparecimento da pop art⁹ e do minimalismo¹⁰, um rompimento em relação à pauta moderna, fica impossível pensar nas divisões de categorias, como por exemplo “pintura”.

A cena contemporânea - que se delineia num mercado internacionalizado das novas mídias e tecnologias e de variados atores sociais que aliam política e subjetividade - enquadramentos sociais e artísticos do modernismo¹¹ são explodidos, abrindo, para as experiências culturais díspares. As novas orientações artísticas, apesar de distintas, partilham um espírito comum: são, cada qual a seu modo, tentativas de dirigir a arte às coisas do mundo, à natureza, à realidade urbana e ao mundo da tecnologia. As obras articulam diferentes linguagens - dança, música, pintura, teatro, escultura, literatura, desafiando as classificações habituais, colocando em questão o caráter das representações artísticas e a própria definição de arte. Interpelam criticamente também o mercado e o sistema de validação da arte.

A comunicação direta com o público por meio de signos e símbolos retirados da cultura de massa e do cotidiano - histórias em quadrinhos,

⁹ A arte pop surgiu na década de 1960, onde os artistas defendiam uma arte popular (pop) que se comunicasse diretamente com o público por meio de signos e símbolos retirados do imaginário que cerca a cultura de massa e a vida cotidiana. A defesa do popular traduz uma atitude artística que recusa a separação de arte e vida.

¹⁰ O minimalismo foi um termo que surgiu na década de 1960 para descrever a escultura simplificada, indo na contramão da exuberância. Enfatizando formas elementares, como os cortes geométricos.

¹¹ O Modernismo foi um movimento ocorrido na primeira metade do século 20. Seus artistas rejeitavam o domínio do naturalismo e do academicismo em favor de uma arte experimental. Sua tendência comum era a de buscar respostas para as questões que envolviam a natureza da arte e a experiência humana. Os modernistas se dividiram entre os que exploravam as emoções e estados mentais, a ordem espiritual, as funções sociais, o inconsciente, a natureza de uma representação e o papel social da arte no mundo capitalista. A arte se tornou um meio de descobrir a verdade, fosse ela simplesmente moderna ou universal.

publicidade, imagens televisivas e cinematográficas - constitui o objetivo primeiro de um movimento que recusa a separação arte e vida, na esteira da estética anti-arte dos dadaístas e surrealistas. Trata-se também da adoção de outro tipo de figuração, que se beneficia de imagens, comuns e descartáveis, veiculadas pelas mídias e novas tecnologias, bem como de figuras emblemáticas do mundo contemporâneo, a Marilyn Monroe de Andy Warhol, por exemplo.

Segundo Canton (2010), a arte contemporânea se constitui de campos de forças que tomam corpo a partir de uma evocação ampla dos sentidos, de uma negociação constante entre vida e arte, arte e vida. A arte não se redime mais, passando a se assumir como incessante com os acontecimentos e as percepções da vida.

Cauquelin (2005), menciona que a arte contemporânea não dispõe de um tempo de constituição, de uma formulação estabilizada e, portanto, de reconhecimento. Que para apreendê-la, precisamos estabelecer alguns critérios – esses devem ser buscados para além do conteúdo das obras, distinções que isolarão o conjunto dito “contemporâneo” da totalidade das produções artísticas.

Já Archer (2008) diz que quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas práticas e programas. Essa arte tem utilizado não só apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comidas e muitas outras coisas.

Canton (2009) cita que a arte contemporânea mistura as questões artísticas, estéticas e conceituais aos meios do cotidiano, aproximando-a do mundo atual. Que seus artistas, buscam uma troca genuína entre as memórias e os sentidos.

Discorrendo sobre a sociedade contemporânea, podemos dizer que vivemos em um mundo acelerado, de produção massificada, em constante movimento e com necessidades quase que instantâneas.

Voltando a falar sobre o artesanato, é nessa sociedade consumidora de produtos industrializados, produzidos em larga escala, que vai acontecer um certo declínio dos produtos artesanais, visto que eles não são baratos e não abastecem o mercado com rapidez.

Porém, nos últimos anos vemos o ressurgimento dos produtos artesanais, uma valorização das técnicas manuais, seja por uma necessidade de volta as origens/tradições locais, seja por um jeito de se diferenciar e resistir em meio a cultura de consumo de massa. Além disso, o artesanato vai na contramão das grandes indústrias que abusam dos recursos naturais, ele é ecologicamente correto – tema bastante recorrente em nossa sociedade -, dá estima ao que é criativo, manual e ao que autêntico e, no mais, movimentando a economia criativa de um país.

Em *Artesanato & Design – Transversalidades*, a autora Luciana Claro (2008) menciona que o artesanato não deixa de existir, mas sofre alterações conforme as mudanças históricas e a sociedade em que se apresenta.

Agora, partindo para o tema central deste capítulo, quando o artesanato vira arte?

Há vários debates relativos a este tema e para muitos autores existe uma linha divisória, muito pequena, entre a arte e o artesanato, porém, estas discussões não possuem um ponto final, visto que questionar este assunto é submergir em um campo tortuoso e pouco preciso.

Daiani Bonetti em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “A Produção artística a partir do artesanato: um olhar entre as fronteiras entre a arte e o artesanato”, menciona:

Pouco se fala da distância entre arte e o artesanato mediante as características reflexivas e intelectuais presentes na produção, no produto em si. Quando produz artesanato, o artesão não inclui em sua produção elementos intelectuais, como por exemplo, os conceitos sobre os quais emergem as artes contemporâneas. Enquanto o artista preocupa-se com questões filosóficas, sociais, existenciais, o artesão usa-se de elementos puramente estéticos e decorativos, por exemplo. (BONETTI, 2011)

Ainda citando Bonetti, quando discursamos sobre um objeto de artesanato transformado em obra de arte por um processo artístico, implicamos em questionar sobre as novas funções que ele passa a se destinar, sendo

repensado enquanto elemento estético fundamentado em conceitos artísticos e intelectuais e que passou por um novo processo de construção.

Yacy-Ara Froner em *Dinâmicas contemporâneas: o campo expandido da preservação*, expõe:

Não há como negar a propriedade cultural que permeia o artesanato, sua importância reside em representar uma identidade que vai além da subsistência de um grupo, mas que reflete uma linguagem própria, um modo de ver e de se relacionar com a sociedade. Porém, é importante olhar o objeto artístico a partir de um ponto de vista que lhe confira uma autonomia que lhe é inerente e que o diferencia do objeto de uso, mesmo que ele próprio seja um objeto utilitário deslocado pelo devir artístico (FRONER, 2007)

Já, Wallace Rodrigues em seu artigo “Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado”, relata:

[...] o artesanato sempre tem, em sua essência, um esquema de pensamento onde o trabalho de fazer com as mãos dependerá de um planejamento, acabando assim com a ideia de que artesanato é só fazer e não pensar, planejar. Neste sentido, artesanato também participa de um nível de abstração digno de ser chamado de arte. Usando a própria história da arte, podemos dizer que a partir de Marcel Duchamp (1887-1968) o conceito do que é arte se expandiu. Se Duchamp (expondo seu urinol, lá em 1917) valorizou mais o pensar, o planejar, o arquitetar arte que a obra-objeto em si, por que não entender artesanato como forma de arte? O artesanato é tão dependente da ideia (planejamento) do que se quer fazer quanto o urinol de Duchamp. O artesanato requer planejamento aliado à técnica para nos dar o objeto artístico final. (RODRIGUES, 2012)

Por fim, Rodrigues afirma que o artesanato tem um esquema de pensamento onde o trabalho de fazer com as mãos dependerá de um planejamento. Acabando com a ideia de que artesanato é só fazer e não pensar, planejar. Neste sentido, segundo o autor, o artesanato também participa de um

nível de abstração chegando a ser chamado de arte, visto que, depois de Duchamp o conceito de arte se expandiu.

Freitag (2015), discorre, também, sobre os artesãos e artistas, seu processo de trabalho e aprendizado. Nestes dois últimos casos, ela fala que a formação artística de um artista se dá por espaços educativos formais e já no artesanato se dá no campo familiar e comunitário, sendo parte da cultura e tradição de uma comunidade. Quanto ao primeiro caso, segue abaixo um pequeno trecho falando sobre o artista e sobre o artesão:

Tanto artistas como artesãos compartilham características em comum na realização de seu trabalho criativo: geralmente, têm experiências estéticas e artísticas durante a infância; desenvolvem habilidades técnicas e manuais; dominam as ferramentas e matérias-primas que utilizam para criar; necessitam se informar constantemente para difundir e comercializar seu trabalho; e finalmente, estão familiarizados com imagens e imaginários coletivos que costumam usar como referência para a criação de seus objetos. Agora, a intenção dos trabalhos (obras de arte ou artesanato) e sua recepção (museus, galerias, colecionadores ou para uso cotidiano), são significativamente diferentes. (FREITAG, 2015)

Por fim, através dos curtos argumentos dos autores dispostos aqui, podemos verificar que o artesanato pode sim, virar uma obra de arte, ou melhor, um objeto artístico, surgindo a partir de uma ressignificação de sua utilização. Quando dizemos que o artesanato passa por uma ressignificação, queremos dizer que é conferida a peça artesanal uma nova função, um novo sentido, um novo lugar - sendo inserida em espaços destinados a objetos com um valor considerado artístico.

Quando Archer (2008) menciona que a arte tem utilizado materiais diversos para sua realização, podemos voltar o olhar para o tema principal deste trabalho de conclusão de curso: a técnica artesanal do crochê.

Aqui, o crochê já não é mais um “simples” artesanato, algo novo foi adicionado a ele, uma nova função, um novo lugar. Ele passa por uma transição, por uma redefinição, deixando de ser um produto utilitário e virando um objeto

artístico, uma obra de arte. Para ilustrar melhor essa diferenciação, essa transição, vou subdividir o crochê em: crochê artesanal e crochê artístico.

Ao começar a analisar os dois, surgiram os seguintes questionamentos: Qual é o lugar de cada um? Quem são seus produtores? Quais são as suas funções?

O crochê artesanal é produzido por uma artesã ou artesão que, hoje em dia, muitos chamam de crocheteiro (a). Ele é uma técnica artesanal, que utiliza linha e agulha para a realização de seus produtos. As peças são destinadas as casas, em forma de ornamentação/decoração do lar (móveis, eletrodomésticos e outros), de vestimenta e de acessórios (bolsas, joias e etc).

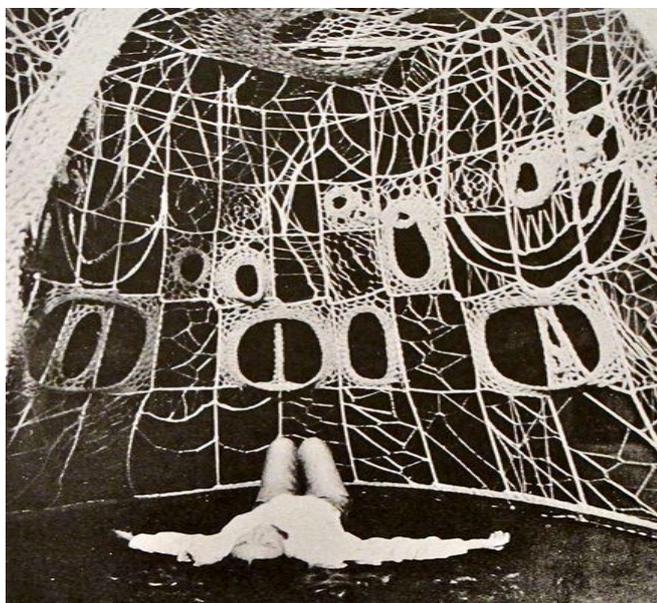
Já o crochê artístico é produzido por designers, por artistas plásticos. As agulhas e os fios utilizados sofrem algumas modificações, em tamanho, em espessura. Aqui, seu lugar e emprego já não são mais os mesmos que o do artesanal. Ele está destinado a ocupar espaços como museus, galerias, instituições privadas até mesmo os espaços urbanos e naturais como, por exemplo, as ruas e o oceano – estes últimos lugares serão abordados no próximo capítulo. São atribuídas a este crochê novas funções, entre elas: a de crítica social ou política, a de elemento estético e outras.

Não sei ao certo quando essa transição de artesanal para artístico ocorreu na história, ou quem foi o primeiro artista a produzir essa mudança, pois, não foram encontradas fontes concretas. O que posso comentar é que a diferença entre os dois é mínima, conferida mais ao lugar ao qual elas são destinadas, pois, ao consideramos quem cria, notamos que o artista acaba se transformando, também, em um artesão, já que ele produz o objeto de forma artesanal. Quando o artista fabrica, à mão, um objeto/obra, com uma técnica artesanal, deixa nela um toque único, cheio de impressões e marcas.

Abaixo seguem dois exemplos de utilização desta técnica artesanal como um objeto artístico. Destaco a primeira artista por ser uma das pioneiras com este tipo de trabalho e a segunda foi escolhida pela dimensão física de sua obra. Vemos claramente as diferenças entre as duas instalações, desde as suas cores, seus tamanhos, suas funções e locais em que foram acomodadas.

A instalação em crochê mais antiga da qual pude ter referências é da artista paraguaia Faith Wilding, que em 1972, participou da exposição feminista *Womanhouse* – concebida por estudantes do Programa de Arte Feminina do Instituto de Artes da Califórnia, em uma casa abandonada próxima ao campus – com a *Woomb Roon* que consistia em um quarto crochê. Em 1995, a artista foi convidada a recriar a instalação no *Bronx Museum* para a arte feminista intitulada *Division of Labor: 'Women's Work' in Contemporary Art* e a reintitulou de *Crocheted Environment*.

Figuras 28 e 29 – *Woomb Roon* e *Crocheted Environment*



Podemos reparar nestas duas fotos que as obras são diferentes entre si, mesmo que a artista seja a mesma, o propósito seja o mesmo, nenhuma obra sairá idêntica a outra, ainda que a intenção tenha sido a de recriar a peça.

Outra obra que quero destacar aqui é a da artista japonesa Toshico Horiuchi que crochêtou um enorme playground e o intitulou de *Woods of Net*, ela levou cerca de um ano para o concluí-lo e a ideia para sua fabricação surgiu quando em uma de suas exposições uma criança perguntou se era possível escalar aquela obra. Assim, ela criou esta instalação recreativa, onde os espectadores podem interagir com as obras. Por fim, a obra se tornou uma exposição permanente no *Hakone Open Air Museum*, no Japão.

Figuras 30 e 31 – Playground em crochê por Toshico Horiuchi



Fonte: Imagens retiradas do site <http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Nina/2057> Acessado em junho de 2017.

Figura 32 – Playground em crochê por Toshico Horiuchi



Fonte: Imagens retiradas do site <http://www.hierophant.com.br/arcano/posts/view/Nina/2057> Acessado em junho de 2017.

Trago, também, o olhar de produtora cultural¹² sobre este tema. Quando comecei a estudar o tema, ouvi diversas perguntas, como: Por que um produtor cultural se interessaria por este assunto? O que poderia um agente cultural fazer? Que tema diferente para um produtor escolher, né?

Confesso que, em um momento inicial, analisei o tema apenas como artesã, vislumbrando as dimensões que o crochê poderia ter e oferecer. Porém, depois de um estudo mais profundo, enxergo as infinitas possibilidades para a área da produção cultural.

A técnica do crochê apresentada neste capítulo, como obra de arte, precisa de condições favoráveis para o seu crescimento, para a sua busca de espaço e visibilidade e nem sempre encontra essa estrutura facilmente, como boa parte de outras áreas da arte.

¹² Segundo o Guia do estudante, produtor cultural é a pessoa que produz espetáculos, mostras, festivais, elabora e executa projetos seguindo critérios artísticos, sociais e econômicos. Pode trabalhar em qualquer área de manifestação artística, com organizações e empresas com atividades voltadas para o setor cultural, com artista, na produção de projetos, na captação de recursos, na produção executiva dos eventos e ainda tem a oportunidade de trabalhar em órgãos públicos. [fonte: Guia do estudante, disponível em <https://guiadoestudante.abril.com.br/profissoes/producao-cultural/#>]

O artista necessita de instrumentos que o ajudem, que o aparem nesta caminhada e, neste contexto, o produtor cultural, de certo modo, pode o ajudar.

Primeiramente, como é um campo pouco explorado, eu, enquanto mediadora, acho pertinente realizar coletas de dados e pesquisas sobre a área, pois são instrumentos fundamentais para o conhecimento do crochê artístico e, é, a partir deles que poderei delinear estratégias de ação e priorizar os seus pontos mais fracos.

Através da análise dos dados, posso conhecer o público espectador deste tipo de arte, os perfis institucionais, as formas de organização, as fontes de financiamento, as políticas culturais - já existentes - que podem ser consideradas e inserida, o tipo de espaço necessário para as obras, as cidades que possuem uma maior abertura para a sua realização, entre outros.

Já sabendo da necessidade do artista, na divulgação de seu trabalho, posso criar projetos para exposições em museus, casas de arte e galerias, fazer o intermédio entre ele e as instituições financiadoras e, além disso, posso inserir seus projetos em leis de incentivo de âmbito público, tanto estaduais quanto nacional.

Sabemos que a falta de familiarização com determinado assunto acaba por afastar e não atrair as pessoas - o público - e para que isso não ocorra neste tema, posso produzir estratégias de ação que promovam a sua difusão, como: palestras, *workshops*, cursos livres, vídeos promocionais, exposições itinerantes, e uma série de outras possibilidades.

Enfim, com o mapeamento dessas atividades e a divulgação dos resultados e das probabilidades de resolução, noto que este tema mostra sua relevância ao possibilitar ao produtor cultural um novo mercado, novas oportunidades para exercer seu trabalho.

4 YARN BOMBING

A noção de intervenção é empregada, no campo das artes, com múltiplos sentidos, não havendo uma única definição para o termo. Ela ocorre sobre uma realidade preexistente, que possui características e configurações específicas, com o objetivo de retomar, alterar ou acrescentar novos usos, funções e propriedades e promover a apropriação da população daquele determinado espaço.

Como prática artística no espaço urbano, a intervenção pode ser considerada uma vertente da arte urbana, ambiental ou pública, direcionada a interferir sobre uma dada situação para promover alguma transformação ou reação, podendo ocorrer em áreas externas ou internas.

Os projetos de intervenção são um dos caminhos explorados por um universo bastante diverso de artistas interessados em se aproximar da vida cotidiana, se inserir na sociedade, abrir novas frentes de atuação e dar visibilidade para os trabalhos de arte fora dos espaços consagrados de atuação, torná-la mais acessível ao público e menos mercantilizada e musealizada.

Canton (2009) menciona que os artistas buscam lugares que estão reclusos, passagens que estão invisíveis para torná-las visíveis. Eles procuram reocupar, reavivar esses lugares.

Descrevendo a arte pública, podemos dizer que o sentido corrente do conceito se refere à arte realizada fora dos espaços tradicionalmente dedicados a ela, os museus e galerias. Fala-se de uma arte em espaços públicos, ainda que o termo possa designar também interferências artísticas em espaços privados, como hospitais e aeroportos. A ideia geral é de que se trata de arte fisicamente acessível, que modifica a paisagem circundante, de modo permanente ou temporário.

Ainda, segundo Canton, a arte pública tem se configurado de diversas maneiras, jeitos particulares. Os artistas dialogam com o espaço, com os monumentos das cidades. Neste diálogo, a arte compõe uma tapeçaria sonora,

visual e tátil, vislumbrando a diversidade da cidade, dos seus habitantes, da sua arquitetura, da sua sinalização, dos seus códigos cotidianos.

Nesse contexto da intervenção, podemos inserir o crochê, que surge na cena contemporânea como uma manifestação artística. Essa arte com fios, vem sendo chamada de diversas maneiras, entre elas: *Yarn Bombing*, *guerrilla crochet*, crochê de guerrilha ou *graficrochet*, praticada por artistas com intenções variadas. Há os que intencionam realizar obras voltadas para as críticas sociais ou políticas e àqueles que, simplesmente, só querem colorir as cidades cinzentas.

Praticado por artistas de vários países como Itália, Brasil, Alemanha, Turquia e EUA, o crochê de guerrilha constitui-se em utilizar pedaços, recortes, peças inteiras ou fios de lã ou linha de algodão envolvendo objetos urbanos ou do cotidiano: postes, árvores, maçanetas, bancos, muros, gradeados, monumentos, estátuas e outros, nos quais o artista propõe alguma reflexão sobre o objeto ou, apenas deseja atrair a atenção para algo que de tão comum já está passando despercebido. Essa prática de expressão recobre, em alguns casos, zonas periféricas bastante degradadas, dando cor, beleza e remetendo um certo aconchego para o local.

Figura 33 - Maçaneta envolvida com tricô



Numa análise minuciosa do *Yarn Bombing*, podemos verificar que ele apresenta características observadas em outras correntes artísticas. Abaixo, destaco essas vertentes e apresento um exemplo de objeto artístico.

- *Street art* / arte urbana – é encontrada no meio urbano através de intervenções feitas com grafite, cartazes, estêncil, com performances e outros. Surgiu na década de 70 e possui temas diversos para a realização das obras, porém, muitos artistas pautam na crítica social, política e econômica. Exemplo: intervenções feitas em muros, como a figura 49.
- *Body Art* – em tradução significa arte do corpo. Surgiu na década de 60 e sua principal característica é o corpo do artista sendo utilizado como expressão ou matéria para os trabalhos, ou seja, ele é o suporte, a tela da intervenção. Como exemplo, cito os trajes produzidos para performances (figura 43).
- *Land Art* – Iniciado na década de 60, esse movimento se pauta na fusão/integração da natureza com a arte, ou seja, o artista utiliza espaços e recursos naturais para realizar sua obra. Aqui, trago as intervenções em árvores.
- Arte Conceitual – Tendo princípio no final da década de 60, reivindicando a arte como um “conceito” e não como um objeto material. O mais importante são as ideias que dão forma as obras de arte, a sua execução fica em segundo plano. A intenção do artista e a reação do espectador são parte integrante da obra. Neste tópico, o exemplo pode ser a redefinição da função básica de um cachepô.
- *Site-specific* – remonta as obras criadas de acordo com o ambiente e com o espaço determinado. São trabalhos planejados, com locais pré-determinados, onde a obra dialoga com o espaço. No contexto dessa vertente, menciono os trabalhos produzidos para um cômodo de um apartamento.

Muitas *web* fontes mencionam que a precursora deste movimento é a americana Magda Sayeg (figura 34), que em 2005, na cidade de Houston (Texas,

EUA), decidiu tricotar uma peça retangular e decorar a maçaneta de sua loja com essa faixa pois, estava cansada de olhar para a paisagem do entorno e não ver algo que chamasse sua atenção, que colorisse aquele cenário cinzento. Ao perceber que as pessoas ficaram curiosas, instigadas, interessadas em saber o que era aquilo, o porquê de estar ali e qual era o artista por trás de tal feito, Magda resolveu levar essa ideia para outros lugares, criando assim, o grupo *KnittaPlease*, um coletivo que trabalha com esse tipo de intervenção artística. Entre os destaques de seus trabalhos estão o ônibus (figura 35) inteiramente coberto em crochê, uma cabine telefônica britânica, bem como uma exposição, feita individualmente, no *La Museo des Esposizione*, localizado em Roma, Itália. Na biografia da artista, encontrada em seu site, a Sayeg menciona,

Minha paixão é com o material: adoro deslocar o material feito à mão, na maior parte tecida, em ambientes onde aparentemente não pertence ... só para descobrir que eles podem coexistir de forma bastante harmoniosa. Compreendo as limitações deste meio intimamente e continuo. Para desafiá-lo. Existe uma transformação que ocorre quando cobre um objeto inanimado com material feito à mão suave. Essa interação muda o objeto sem tirar sua identidade ou paralisar sua função original. É este arranjo não planejado do material que faz esses objetos. Ganhar vida, tornar-se escultural e até mesmo redefinir ou reinterpretar um espaço. A exploração da mudança ambiental me leva: provocando que o mundo seja um lugar mais desafiador, não convencional e interessante. (SAYEG, Magda).

Figura 34 - Magda Sayeg em Dubai



Figura 35 - Ônibus revestido em El Salvador por Magda Sayeg e Knitta Please.



Fonte: Imagem retirada do site <http://inhabitat.com/knitta-pleases-magda-sayeg-is-covering-the-world-in-yarn/> Acessado em abril de 2017

Em poucos anos, o crochê de grafite tornou-se contagiante. De ponta a ponta do planeta, artistas reproduzem suas ideias. Para a realização de uma intervenção de grande porte, os artistas, normalmente reúnem voluntários da localidade em espaços abertos para a execução dos projetos. Algumas obras são tão elaboradas, com grandes desenhos (padrões/gráficos) que precisam de um planejamento para os suportes, apoio técnico e até autorização para seu acontecimento, sendo expostas, também, em galerias e museus.

Como exemplo, em 2007, foi realizada no Museu de Artes e Design de Nova York, a exposição intitulada *Rendas Radicais e Tricôs Subversivos*, para a qual foram escolhidas quarenta obras, de trinta artistas, que misturavam materiais diversos (borrachas, vidros e outros) com o uso das técnicas de tricô e crochê e tinham um teor altamente crítico, onde cada artista explorou um tema que lhes chamassem a atenção.

O curador David MacFadden criou a exposição depois de ser jurado em um concurso de rendas na Bélgica. Lá ele pode perceber um potencial atrativo nessas técnicas artesanais, visto que o número de pessoas, em sua maioria, jovens, produtoras de peças de tricô e crochê estava aumentando, não só na

produção de vestuário, como também, na forma de manifestação artística. Assim, David teve a ideia de produzir algo que, segundo ele, estremecesse, subvertesse a visão antiquada, convencional dessas duas técnicas.

Entre as obras, podemos destacar *Nike Blanket Petition Project* (figura 37) idealizada pela artista Cat Mazza para ser um abaixo assinado contra a política de mão-de-obra barata da empresa Nike – fabricante estadunidense de artigos desportivos. Já, Dave Coal, tricou um vestido com cédulas de dólar, e o intitulou de *Money Dress* (figura 36). Erna van Sambeek criou roupas tricotadas com páginas do jornal Financial Times – jornal diário internacional, com sede em Londres, que trata de temas variados -, colocando o tema da pobreza em suas peças.

Figura 36 - *Money Dress*



Figura 37 - Nike Blanket Petition Project

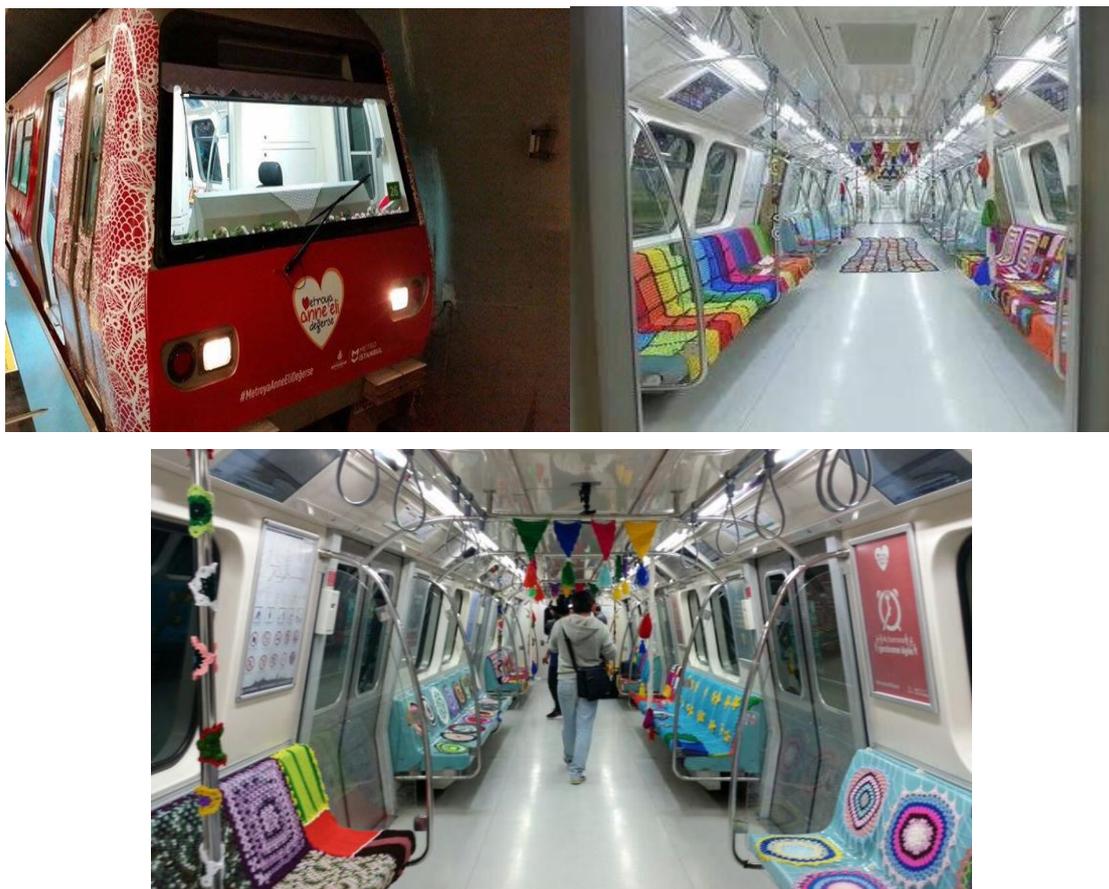


Fonte: imagem retirada do site <http://www.textilemuseum.ca/exhibitions/past-exhibitions/she-will-always-be-younger-than-us> Acessado em junho de 2017

As obras produzidas no *Yarn Bombing* propõem um movimento de interação, de comunicação com quem observa. As peças inovadoras são consideradas eco sustentáveis, pois podem ser removidas a qualquer momento, seja pelos trabalhadores de limpeza da cidade ou pelo próprio artista, antes que desgastem, estraguem e comecem a poluir ao invés de embelezar.

Segundo alguns artistas, as intervenções feitas com os fios são bem mais aceitas do que as outras formas de grafite, já que sua remoção tende a ser mais fácil. Por isso, muitos trabalhos são comissionados, ou seja, são realizados com o apoio e patrocínio de empresas. Esses empreendimentos são de ramos variados, como: *Absolut Vodka* – fabricante nova-iorquina de bebidas - e a empresa de carros *Mini Cooper*. Aqui no Brasil, posso citar como apoiador e incentivador dessas intervenções, o SESC – Serviço Social do Comércio, mais precisamente, a rede de São Paulo.

Figuras 38, 39 e 40 - Metrô desativado decorado com crochê em comemoração ao dia das mães na Turquia



Fonte: imagens retiradas do site <https://www.pintaram.com/t/metroyaanneelide%C4%9Ferse> Acessado em Junho de 2017

Em 11 de junho de 2011, o joalheiro Joann Matvichuk criou o Dia Internacional do *Yarn Bombing*, onde os coletivos e artistas de todo o mundo puderam colorir os espaços públicos com suas intervenções como forma de união pelo movimento. Foi realizado, inclusive, em São Paulo e levou o nome de Dia de Tricotar em Público.

Além do grupo *KnittaPlease* mencionado acima, cito aqui o grupo *Strickguerrilla* originário da Alemanha, que reúne um grande número de artistas e voluntários, tanto homens quanto mulheres, para a execução de seus projetos/intervenções. Os voluntários produzem as peças para um local pré-determinado e só depois disso os artistas vão para as ruas para a execução da

intervenção. Em sua rede social, o grupo relata que surgiu de uma pequena malharia e foi para esta arte de rua, embelezando as cidades sombrias.

Figuras 41 e 42 - Intervenção do Strickguerrilla em estátuas



Fonte: Imagens retiradas do site <https://www.facebook.com/Strickguerrilla/> Acessado em maio de 2017

Somam-se a Magda Sayeg, outros artistas que se destacam na cena do crochê de guerrilha, fazendo grandes projetos de instalações. Entre eles, destaque a polonesa Agata Olek e os brasileiros Anne Galante, Karen Dolorez e Thiago Rezende, todos oriundos de São Paulo.

Agata Olek começou a fazer crochê após se mudar da Polônia para os Estados Unidos. De início, produzia peças para uso próprio e para presentear, porém, ao passar por dificuldades financeiras, começou a comercializar suas peças no seu grupo de amigas. Com o tempo, a produção de peças extras começou a acumular em seu apartamento e, sem espaço, Olek resolveu cobrir seus móveis com a intenção de modificar e inovar o seu ambiente. A artista menciona que o crochê é o seu meio de expressão. Em seu site, Olek diz que a sua vida e a sua arte são inseparáveis, ela crocheta tudo que aparece em seu

caminho, desde uma simples mensagem deixada na geladeira até uma cena de filme.

Figura 43 - Sereia no mar de Cancún



Fonte: Imagem retirada do site <http://www.lostateminor.com/2014/08/18/artist-creates-underwater-crochet-installations/> Acessado em Maio de 2017

Agata Olek expõe seus trabalhos pelo mundo todo, inclusive no Brasil, tanto em galerias quanto nas ruas. Em 2012, expôs seu trabalho intitulado *playground* (figuras 44,45 e 46) na Mostra Sesc de Artes do Sesc Interlagos-SP, uma instalação em formato de jacaré, produzida por ela e voluntários. Já em Cancún, no Museu Subaquático do México, usando materiais considerados ecológicos, cobriu bombas e produziu trajes de sereias (figura 43), inteiramente, em crochê. Baseada na inclusão social e no empoderamento das mulheres indianas, Olek participou do Festival 2015 *St + art Delhi* cobrindo um abrigo noturno (figuras 47 e 48) para mulheres, querendo chamar a atenção da sociedade para esses abrigos locais. Foram usados 90km de fios e tecidos, além de contar com a colaboração de 60 voluntárias locais para a realização dessa instalação.

Figuras 44, 45 e 46: Playground em formato de Jacaré



Fonte: imagens retiradas do site <http://colunas.revistaepoca.globo.com/menteaberta/tag/agata-olek/> Acessado em maio 2017

Figura 47 - Abrigo coberto na Índia



Fonte: Imagem retirada do site <http://culture.pl/en/event/agata-oleksiak-crocheting-in-india> Acessado em maio de 2017

Figura 48 - Abrigo coberto na Índia



Fonte: Imagem retirada do site <http://culture.pl/en/event/agata-oleksiak-crocheting-in-india> Acessado em maio de 2017

Já a designer Anne Galante aprendeu a técnica do crochê aos 12 anos, na adolescência começou a produzir peças e a comercializá-las. Após trabalhar para grandes marcas do mercado brasileiro começou a desenvolver a sua própria marca. Em entrevista para o Projeto Curadoria, responde que para se expressar utiliza a moda, a decoração e a arte. Apaixonada pelo grafite, a artista resolveu misturar as duas técnicas e, assim, criou em 2011, o projeto “Nem todo splash é tinta”. Seus trabalhos são tanto externos quanto internos, alguns são feitos sob encomenda outros não, e vão além dos muros das ruas, podem ser quadros e até esculturas. Em seu processo criativo, ela escolhe um desenho, tece em linha de náilon e transfere para a parede fixando com liga de cimento e finalizando com uns jatos de spray, o que ela passou a chamar de graficrochet.

Na entrevista que ela fez para o site Amo Pompéia, Anne diz:

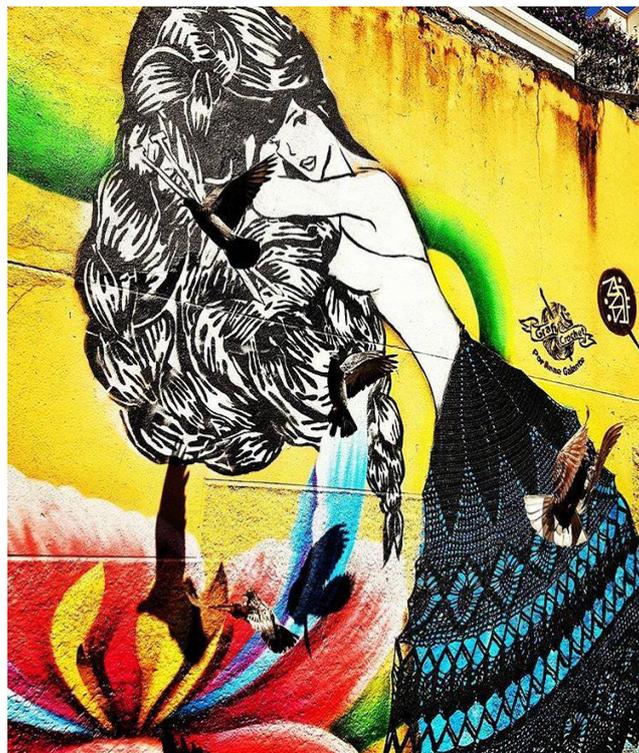
Acho poético as cores do crochet contrastadas com o cinza da argamassa. Pode-se dizer que intervir na cidade é uma forma de não-musealização da arte. A arte urbana não limita a sociedade, nem sequer faz acepção de pessoas. Ela não escolhe certo tipo de público ou classe social. A rua, a pele da cidade, abrange a todos como expectadores (GALANTE, 2016)

Figura 49 - Trabalho realizado na cidade Pompeia - SP



Fonte: Imagens retiradas do site www.amopompeia.com.br/ Acessado em abril de 2017

Figuras 50 - Trabalho em um muro de São Paulo

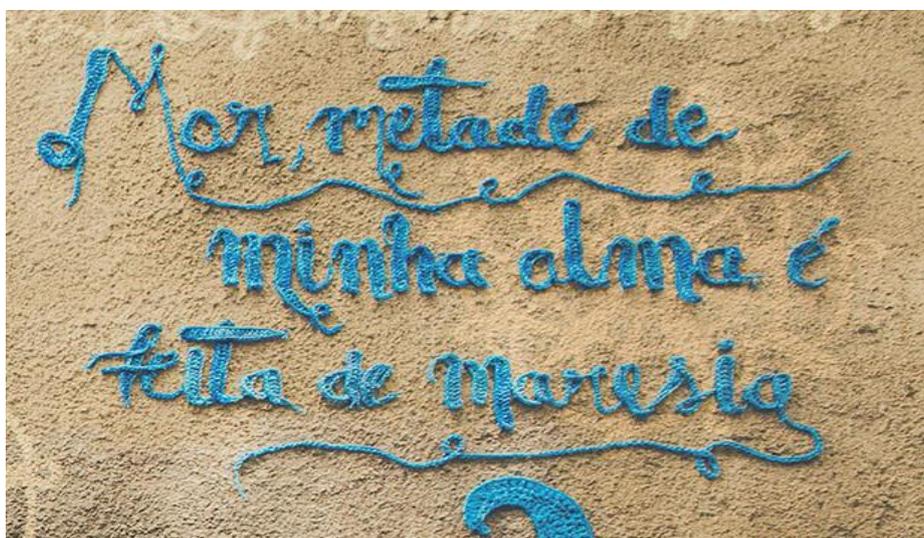


Fonte: Imagem retirada do site http://www.imgrum.org/media/1478587873640133044_1480522609 Acessado em maio de 2017

Nascida em Bauru – SP, Karen Dolorez cria trabalhos utilizando o crochê como instrumento de expressão artística, envolvendo temáticas relacionados a

ocupação de espaços públicos, sociedade, arte de guerrilha, feminismo e amor. Sua inspiração vem de músicas, poesias, críticas sociais e outros. Em meio a uma crise profissional, começou a procurar um *hobby* que resgatasse algo que gostava na infância e lembrou da técnica, encontrando nela uma forma de se expressar. Criou o Dolorez Crochez, que em seu site, se classifica como um ateliê que utiliza a técnica artesanal para inspirar transformações tanto artísticas quanto educacionais. Abaixo, apresento algumas de suas intervenções nas ruas de São Paulo.

Figuras 51 e 52 – Intervenção feita em uma rua de São Paulo



Fonte: imagem retirada do site <http://artecult.com/croche-e-arte-luta-e-empoderamento/> Acessado em abril de

Figuras 53 e 54 – Instalação “Ventre Livre” e “Obra Visceral”



Fonte: imagem retirada do site <http://artecult.com/croche-e-arte-luta-e-empoderamento/> Acessado em abril de 2017

Por último, destaco o paulistano Thiago Rezende, conhecido como ‘O Homem na Agulha’, que fabrica seus trabalhos com agulhas gigantes. Foi durante a faculdade de artes visuais que ele conheceu algumas técnicas de trabalhos manuais, incluindo o crochê, que aprendeu através de vídeos na internet. As agulhas utilizadas em suas intervenções e performances (figura 57) foram produzidas por ele mesmo para uma exposição ocorrida no Sesc Pompeia – SP, despertando a curiosidade dos espectadores. Thiago diz para o site Toda Moderna que suas agulhas são: “Exageradas e divertidas, elas me possibilitam potencializar os movimentos bonitos do ato de tecer. De longe, as pessoas reconhecem os gestos, e logo, a memória afetiva é despertada”.

Um de seus projetos é 'Nascente' (figuras 55 e 56) onde ele crochêtou dezenas de tapetes em azuis diversos unidos a uma torneira, que o próprio artista carrega para os lugares onde realiza este trabalho. O artista também realiza *workshops* voltados apenas para o público masculino, onde ensina as técnicas de crochê e tricô.

Longe de querer gerar, no início, questionamentos de gêneros ou culturais, Thiago em entrevista para o site Faça Amor não Faça a Barba, relata que seu trabalho era uma proposta de sua pesquisa de artes plásticas, mas que, com o tempo, percebeu que ele virou muito mais que isso. Passou a ser quase que uma militância contra o conservadorismo, a favor da liberdade de escolha e da desconstrução da ideia do crochê considerado como coisa de avós.

Figuras 55 e 56 – “Nascente”



Figura 57 - Thiago Rezende performance



Fonte: Imagem retirada do site <http://razoesparaacreditar.com/artes/materia-especial-homem-na-agulha/>. Acessado em abril de 2017.

Considerando os exemplos citados anteriormente, pode-se perceber, por fim, o papel das obras de arte criadas a partir do crochê como combinações híbridas, onde há uma troca fluída entre a arte e o artesanato, entre o tradicional e o contemporâneo, demonstrando de forma complexa como essas novas interações entre técnicas diversas tornam-se novos produtos promotores de diálogos que envolvem o espectador a partir da inserção de um elemento cultural (crochê) no âmbito artístico por meio de intervenções urbanas e toda problemática política e sociocultural presente em seu entorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, visei responder os questionamentos gerados em minhas pesquisas acerca da utilização do crochê como objeto artístico ou manifestação artística, entre eles: Quando começaram com essas intervenções? Por que na rua? Qual a intenção dessas intervenções? Como chegaram aos museus e às galerias?

Apesar da dificuldade em achar materiais e bibliografias referentes ao tema proposto, consegui coletar informações de fontes diversas - muitas produzidas em outros idiomas – e exibir a linha histórica do crochê – sua origem incerta, a ajuda relevante aos trabalhadores irlandeses na Grande Fome, as formas de produção de alguns pontos e por fim, sua atualidade, entre outros - e do *Yarn Bombing*, sua conceituação artística, seus ideais juntamente com seus principais grupos e artistas.

Além do mais, busquei apresentar o diálogo entre arte e artesanato na sociedade contemporânea, analisando quando o segundo passa a ser considerado o primeiro, analisando o caso da prática do crochê. Assim, posso dizer que obras de arte podem ser produzidas com o artesanato, a pequena divisa que há entre o artesanal e o artístico se perde e os dois se mesclam.

Becker (2008) comenta que muitas obras de arte com linguagens contemporâneas ainda conservam características manuais em sua confecção. No caso do artesanato, pode estar constituído de elementos que superam a ideia de objeto utilitário, decorativo e adquirir um status de artístico

Alguns artistas se voltam para este tipo de trabalho manual buscando um resgate do passado, do conforto e das tradições locais para expressar sua posição crítica sobre um determinado assunto, como um meio de resistência ao mundo industrializado, capitalista e acelerado.

Com isso, fica evidente que a técnica artesanal do crochê passa por uma resignificação, atribuindo um novo sentido, deixando de ser apenas uma “simples” peça de artesanato para passar a ser um instrumento da arte, com bases em conceitos artísticos, políticos e sociais.

Podemos dizer, também, que com o crochê de guerrilha, o espaço urbano se transforma, a paisagem cotidiana se modifica através desta arte de fios, o que era cinza e se torna colorido e aconchegantes. O espectador acaba por se inserir em algumas obras no momento em que elas dependem de suas reações para que estejam completas. O graficrochet propõe uma experiência estética fluída, sendo uma arte sempre em movimento, se modificando no dia a dia da cidade, suas obras dialogam com a natureza, com os monumentos.

Para além, enquanto artesã vejo uma nova possibilidade para mostrar minhas habilidades manuais e meus anseios artísticos visto que a produção de vestuários não supre, totalmente, a necessidade de apresentar essas aptidões.

Finalmente, pensando como produtora cultural e para a produção cultural, creio que este tema possibilita a inserção de debates que problematizam as mudanças no campo do artesanato e no fazer artístico da sociedade contemporânea. O crochê, aqui estudado como objeto artístico necessita de uma melhor condição para se desenvolver, para se fixar no campo da arte. Como produtora, posso, por exemplo, desenvolver estratégias de ação, fazer levantamentos de dados que possibilitem a análise de apoiadores, de patrocinadores, com isso, acabo possibilitando o ingresso de outros produtores culturais neste mercado.

REFERÊNCIAS

ANNE GALANTE. Disponível em: <projetocuradoria.com/annegalante>. Acesso em: ago. 2017.

_____. Disponível em: <<https://www.senoritagalante.com>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ARCHER, M. Arte Contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ARTE CONCEITUAL. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3187/arte-conceitual>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

ARTE PÚBLICA. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo356/arte-publica>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

BIBLIOTECA DE ARTES E OFÍCIOS TRADICIONAIS. **Sobre o Ofício**. Disponível em: <<http://baotvirtual.blogspot.com.br/2013/05/sobre-o-oficio.html>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

BENARUSH, M. K. Termos básicos para a catalogação de vestuário. Disponível em: <http://www.museusdoestado.rj.gov.br/termos_basicos/termos_basicos.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

BODY ART. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3177/body-art>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

BONETTI, D. A produção Artística a partir do Artesanato: Um olhar sobre as fronteiras entre a arte e o artesanato. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/395/1/Daiani%20Bonetti.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

BOYER, M. Knitta Pleases: Magda Sayeg is covering the world in yarn. Disponível em: <<http://inhabitat.com/knitta-pleases-magda-sayeg-is-covering-the-world-in-yarn/>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

BRAUN, S. M. A. H. Intervenções Urbanas com Fios: o Tricô e o Crochê na Arte Contemporânea em uma Perspectiva educativa. Trabalho de conclusão de curso. Curso de Graduação de Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

CAUQUELLIN, A. Arte Contemporânea: Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005

CANTON, K. **Os sentidos da arte contemporânea**. *In*: Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 23 a 27.

_____. Espaço e Lugar. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CAVALCANTI, V.; ANDRADE, A.; D'GARCIA, G. Design, Sustentabilidade e Artesanato: reflexões e práticas metodológicas. Disponível em: <<http://www.oimaginario.com.br/novo/capitulos-de-livro.html>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

CLARO, L.S. Objetos que têm o poder de fazer pensar: design e educação no ensino fundamental. Dissertação do Mestrado em Artes e Design – PUC-RJ, 2008.

CROCHET. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Crochet>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

CROCHÊ IRLANDÊS OU IRISH CROCHET. Disponível em: <<http://www.circulo.com.br/blog/croche-irlandes-ou-irish-crochet/>>. Acesso em: 06 abr. 2017.

CROCHET IRLANDES: HISTORIA Y ESPERANZA. Disponível em: <<https://crochetetlace.com/crochet-irlandes-historia-y-esperanza/>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

CUNHA, A. P. Dicionário das artes plásticas. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2005, 536p.el. v.1.

DA COSTA, M. P. Glossário de Termos Têxteis e afins. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4088.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

DA SILVA, M. F. G. Crochetando Tramas da Vida. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15182/1/2016_MarliFlorentinoGarciaDaSilva_tcc.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2017.

FERREIRA, N. M. P.; DE SOUZA, W. G. DESIGN E ARTESANATO: CONTEMPORANEIDADE E TRADIÇÃO. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/4-Coloquio-de-Moda_2008/42677.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2017.

FISCHER, E. A NECESSIDADE DA ARTE. Editora Círculo do Livro: São Paulo, 1959.

FREITAG, V. Novas configurações do ofício artesanal n o México: ser artesão-artista. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/viewFile/34276/20842>>. Acesso em: 2 jul. 2017.

FRONER, Y. Dinâmicas contemporâneas: o campo expandido da preservação. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2007/2007/artigos/183.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

GALLOWAY, L. International yarn bombing day. Disponível em: <<http://www.bbc.com/travel/story/20120604-worldwide-weird-international-yarn-bombing-day>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

GRAFITE. Disponível em: < www.amopompeia.com.br/tag/grafite>. Acesso em: abr. 2017.

HISTÓRIA DO CROCHET. Disponível em: <<https://curiosidadescomarte.wordpress.com/category/historia-do-crochet/>> Acesso em: 5 abr. 2017.

HISTÓRIA DO CROCHÊ. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/cotidiano/artigos/62581/a-hitoria-do-croche>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

HISTÓRIA DO CROCHÊ. Disponível em: <<http://que!arte.blogspot.com.br/2007/10/historia-do-croche.html>>. Acesso em: 5 abr. 2017.

HISTÓRIA DO ARTESANATO/HISTÓRIA DA ARTE. Disponível em: <http://www.programaartebrasil.com.br/hist_ artesanato/hist_ arte.asp>. Acesso em: 06 abr. 2017.

HIRASHIKI, S. E por falar em DY: Artesanato de Guerrilha. Disponível em: <<https://dropsonomia.wordpress.com/2011/07/05/e-por-falar-em-diy-artesanato-de-guerrilha/>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

HOMEM NA AGULHA – BARBUDO THIAGO REZENDE. Disponível em: <<http://facaamornaofacaabarba.blogspot.com.br/2016/03/homem-na-agulha-barbudo-thiago-rezende.html>>. Acessado em: ago. 2017.

INTERVENÇÃO. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo8882/intervencao>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

KAREN DOLOREZ. Disponível em: <<http://dolorez.com.br/about/>>. Acesso em: 24 jun. 2017.

KNITTA POR FAVOR. Disponível em: <<https://knittaporfavor.wordpress.com/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

KOKAY, E. Jacaré gigante coberto de crochê é atração em Sesc de São Paulo. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/menteaberta/tag/agata-olek/>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

KWON, M. **Um lugar após o outro: anotações sobre site-specificity**. In: Revista Arte e Ensaios N° 17. Rio de Janeiro, EBA – UFRJ, 2008. p.167 a 187.

LIMA, R. Artesanato: Cinco pontos de discussão. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato__Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2017.

LITTLE, S. Ismos para entender a arte. São Paulo: Globo, 2010.

MACHADO, S. Pequena história do crochê. Disponível em: <<http://estilosandramachado.blogspot.com.br/2010/03/pequena-historia-do-croche.html>> .Acesso em: 5 abr. 2017.

MAGDA SAYEG. Disponível em: <<http://www.magdasayeg.com/>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MARKS, R. History of Crochet. Disponível em: <<http://c.ymcdn.com/sites/www.crochet.org/resource/resmgr/pdf/history-of-crochet-rm.pdf>> .Acesso em: 5 abr. 2017.

OLEK, A. Disponível em: <<http://oleknyc.com/about>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

PELLIZZARI, J.; CURSI, P.; LAVIGNE, P. Land Art: O que é?. Disponível em: <<http://temasdeartecontemporanea.blogspot.com.br/2014/12/land-art-o-que-e.html>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. – n.13 (set. 2012). – São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

RIBEIRO, I. Artesanato. Disponível em: <<https://www.eba.ufmg.br/alunos/kurtnavigator/arteartesanato/artesanato.html>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

RODRIGUES, M. Três Artes que Reinventam o crochê por meio da paisagem urbana de São Paulo e vice-versa. Disponível em: <<http://anaturalissima.com.br/tres-artes-que-reinventam-o-croche-por-meio-da-paisagem-urbana-de-sp-e-vice-versa/>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

RODRIGUES, W. **Arte ou artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado.** *In:* Cultura Visual, n. 18, dezembro/2012, Salvador: EDUFBA, p. 85-95.

SARIGO, E. Guerrilla Crochet: i “nuovi” attacchi d’arte ispirati ai lavori all’uncinetto delle nonne. Disponível em: <<https://www.in3click.tv/guerrilla-crochet-i-nuovi-attacchi-darte-ispirati-ai-lavori-alluncinetto-delle-nonne/>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SILVA, N. Paulistano cria obras de arte de crochê. Disponível em: <<http://www.todamoderna.com/2014/04/paulistano-cria-obras-de-arte-de-croche.html>>. Acesso em: 14 mai. 2017.

SITE SPECIFIC. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5419/site-specific>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

S.n. Museu de Nova York faz exposição de rendas e tricôs subversivos. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,museu-de-ny-faz-exposicao-de-rendas-e-tricos-subversivos,20070208p1956>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

S.n. BODY ART. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/body-art/>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

S.n. ARTE URBANA. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/arte-urbana/>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

VALENTE, C. Matéria especial: Homen na Agulha. Disponível em: <<http://razoesparaacreditar.com/artes/materia-especial-homem-na-agulha/>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

YARN BOMBING. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Yarn_bombing>. Acesso em: 20 mai. 2017.

WU, C. Privatização da cultural: a intervenção corporativa na arte desde os anos 1980/ Chin-tao Wu; tradução Paulo Cezar Castanheira. – São Paulo: Boitempo, 2006.

ZUPI. Jacaré de Crochê invade a mostra sesc de artes. Disponível em: <<http://www.zupi.com.br/jacare-de-croche-invade-a-mostra-sesc-de-artes/>>. Acesso em: 12 mai. 2017.